

EM TEMPO!

Seminário Nacional • Ano II • nº 83 • 27/9 a 3 de outubro de 1979 • Cr\$ 20,00

Eis a ala esquerda do Partido Comunista

Pedro Paula Barauna, membro do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro (PCB), representante oficial da organização em Cuba, participante do Levante Armado de 35 e tido como um «insurrecionalista» dentro do Partido, fala sobre a luta interna e a conjuntura política brasileira, numa entrevista exclusiva ao EM TEMPO, concedida em Havana.
(Pág. 5)

Metalúrgicos em greve: 60 mil em B. H. e Contagem

(Págs. 8 e 9)

Olívio Dutra faz balanço da greve dos bancários

(Págs. 8 e 9)

«É matar ou morrer»
(A cruel guerra dos menores,
por Carlos Alberto Luppi)

(Pág. 16)

Os discursos de Brizola
(O que dizem
e o que deixam de dizer)

(Pág. 10)

Contribuição à História da Esquerda Brasileira

PRT: O que foi o Partido Revolucionário dos Trabalhadores

(Págs. 12 e 13)

crimes impunes e polícia à solta

Atrás de índices de aumento de criminalidade em São Paulo está uma reação da polícia às denúncias que se tem feito das torturas e assassinatos que vêm ocorrendo uns atrás dos outros. Muito mais que uma reação às denúncias, está aí uma reação frontal à idéia de fiscalização de juizes e promotores sobre o trabalho dos investigadores.

Será que a polícia quer, ao alardear o aumento da criminalidade, abrir terreno para cometer novos crimes? Nem bem foi sepultado Aézio, vem à baila outro caso idêntico. Mais um assassinato que a polícia tenta camuflar simulando suicídio por enforcamento. Foi em São Paulo, no ano passado. Seu nome Brasil da Silva. Diga-se bem alto: morto pela polícia! Só agora o fantasma de seu nome logra cobrar o atraso da justiça.

Quanto à fiscalização, ela é muito parecida com o próprio policiamento contra assaltos e crimes. Isto é, o investigador caça o bandido, o juiz caça o investigador-bandido (aquele que "transgride as leis"), etc. É o caso de perguntar quem irá assegurar o justo trabalho do juiz. (Talvez fosse conveniente por mais uma camada nesse bolo.)

Sociedade maluca! Sobre a base da exploração, da desigualdade, da miséria, se fazem verdadeiros equilíbrios e acrobacias. Nunca, porém, poderá dar certo um prédio construído sobre um lençol de água.

(Francisco Paulo Cipolla)

emedebistas jantados

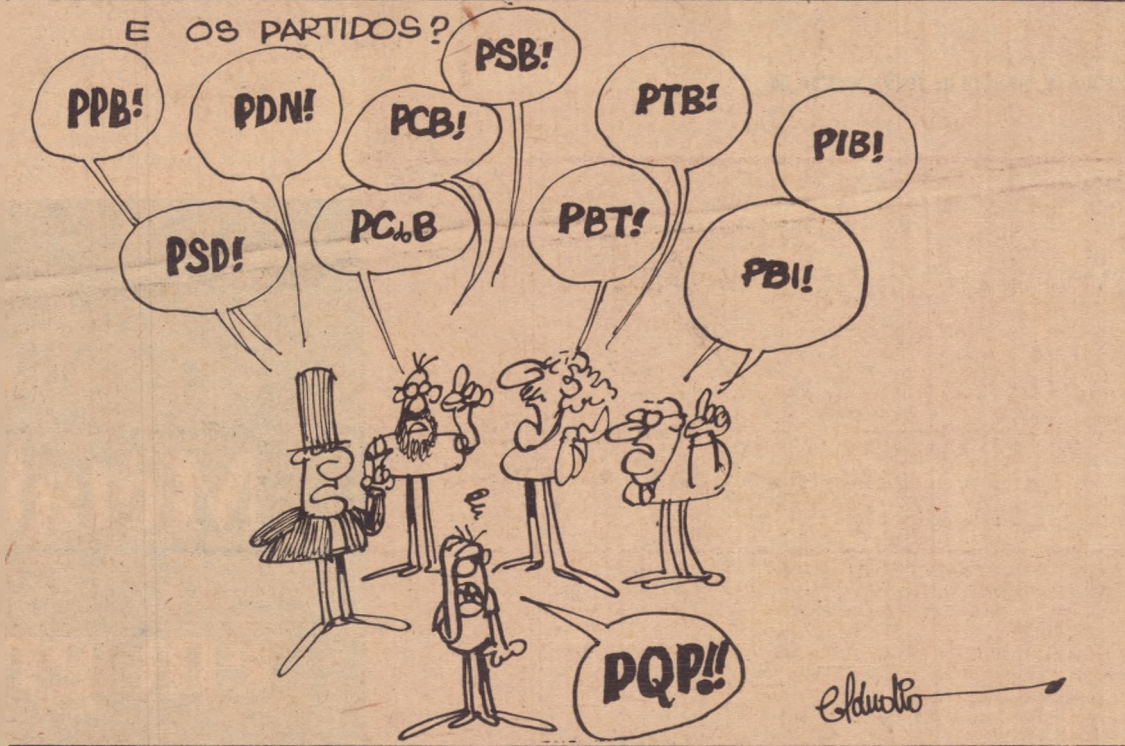
O principal método de atuação política do governador biônico do Estado de São Paulo, Salim Maluf, não deixa de ter sua dose de eficiência: é como ele, parodiando Goebbels, sacasse o talão de cheques toda vez que ouve falar em oposição. Não é por menos, mas com muito dinheiro, que o Salim está agenciando a cooptação de emedebistas para o projeto de conciliação figueiredista. Somente a sede da agência em Brasília, a "Muralha", como é chamada a casa do embaixador Dario Castro Alves foi alugada por 100 mil cruzeiros mensais, para servir de "embaixada" de São Paulo na capital federal.

A partir dessa base é que o Salim conseguiu montar um jantar de onze deputados federais e dez estaduais do MDB paulista com o general Figueiredo em Brasília, na terça-feira da semana passada. Durante os fartos comes e bebes da época de economia de guerra, não faltaram elogios mútuos entre os participantes e palmas entusiasmadas a tudo que o general-presidente conseguia articular sem a ajuda de sua equipe de comunicadores.

Dizem até que, na reunião, Figueiredo prometeu retirar a adjetivação da democracia que ele quer. Bobagem: como Maluf, esses emedebistas não se preocupam com adjetivos. (CT)

desconfie

O policial Cantídio Sampaio, ex-Secretário de Segurança de São Paulo, deputado federal da Arena (e podia não ser?) que tem sempre as posições mais conservadoras, também está a favor da legalização do Partido Comunista Brasileiro. Mas, os motivos dele não são nada legalistas: ele quer a abertura do PC para ver quem entra nele e depois baixar pau com destino certo. O homem não muda mesmo. Quando toma alguma posição aparentemente não fascista, podem desconfiar. (RVN)



ninguém caiu no conto do governo

Terça-feira, dia 18, o repórter de rua do Jornal Bandeirantes colheu numa dessas feiras de São Paulo a primeira impressão das donas de cada com respeito ao projeto "Varejão" do governo, projeto que pretende propiciar à população — inicialmente todos os sábados no Ceagesp — a compra direta junto aos produtores a preço de atacado mais uma taxa máxima de 15%, de produtos hortogranjeiros. Batata! O povo não cai mais em conto do vigário! A maioria das pessoas entrevistadas não punha fé no vigário, digo, no projeto. Eis algumas respostas que me lembro imprecisamente. Em tom de quem não tem carro: "...prá quem tem carro pode ser bom, mas prá quem não tem..." "Só a

gasolina... não compensa!" Repórter: "Mas o governo vai por linhas de ônibus para atender a população". E como São Tomé em dia de mau humor: "Primeiro eu quero ver, depois a gente conversa! Com cara de padecimento pelos marginalizados "Prá quem mora perto adianta mas para os coitados da periferia..." Com o saco cheio das promessas: "...eles falam, falam e nada resolve, eu acho que não vai dar certo". Depois de ouvir a ênfase positiva que o repórter punha no fato de que o governo iria por linhas de ônibus para facilitar o acesso de população ao Ceagesp uma senhora de idade já avançada, rosto exangue, diz em tom potético "Então vai ser bom. Ah! Então vai ser bom

bom..."

O primeiro sábado de Varejão já passou. Com era previsto os produtores embolsaram o lucro dos feirantes com os preços afinal no mesmo nível que nas feiras-livres. Para gaúdio dos feirantes. A mesma Bandeirantes registrou algumas opiniões. Repórter: o que a senhora está achando dos preços? "Na minha feira está mais barato a batata, a cebola... A cebola, por exemplo, lá está a Cr\$ 6, aqui a Cr\$ 7". Repórter: E o senhor? Como é que estão os preços? "Escorchantes, escorchantes. Estão roubando o povo. Veja esta carne de porco! Só serve para fazer lavagem! Vou embora já. Não volto mais. Prá que? Prá dar dinheiro aos ladrões?". (FPC)

como processar o general?

Se estivessemos em um país civilizado, o cidadão Milton Tavares de Souza não escaparia de um processo por calúnia. É que o dito cujo saiu a público declarando que "o movimento comunista internacional que atua por intermédio do Partido Comunista Brasileiro e de várias linhas auxiliares e afins (...) pagaram 'trombadinhas' e outros para que efetuassem o 'quebra-quebra' ocorrido durante a última greve bancária em S. Paulo. Suas palavras estão estampadas em todos o jornais do dia 21 de setembro último.

Tamanha divulgação para tanta besteira (a esta altura o sujeito ainda está sintonizado na cantilena anti-comunista do finado Pena Boto) se explica porque seu autor, profissão militar, é general de Exército e, além disso, atual comandante do II Exército. (O

que mostra apenas que a Escola Superior de Guerra deveria atualizar seus cursos). Pois é, apesar de que todo cidadão medianamente informado saiba que se trata de uma desalvada mentira, nosso bravo general pode fazê-la impunemente porque sabe que nem o PCB nem as "linhas auxiliares e afins" podem vir legalmente processá-lo por difamação.

Aliás, a detenção do escriturário Mario Adilson Nino, fotografado nas manifestações quando quebrava vidros dos bancos, revelou com toda clareza o significado do "quebra-quebra". Apresentando-o na TV, o chefe do DOPS, Romeu Tuma, quis passar a imagem de que se tratava de alguém instigado pelos subversivos. Sua história no entanto, era mais simples. Mario Adilson, 27 anos, casado, um filho para alimentar, não podia continuar

vivendo com o salário de menos de 5 mil por mês. Foi fazer um teste no Banco Itaú. Topou com a cidade em polvorosa e, sem ter nada a ver com aquilo, começou a levar porretadas da polícia. Em suma, um caso banal, história que acontece todo dia nesta nossa democracia relativa. Naquele dia, Mario viu tantos outros pondo sua raiva prá fora e êle também o fez. Saiu quebrando. Sem saber que passaria então a ser procurado como agente do movimento comunista internacional.

Vendo-o acabrunhado na TV, com medo de perder até mesmo o miserável emprego de escriturário na CMTC, eu pensei que também êle se estivessemos num país civilizado, poderia processar por difamação o general, o chefe do DOPS e muita gente mais. (Eder Sader)

trombadinha denuncia infiltração

Falando aos jornalistas neste fim de semana, o presidente da Associação Paulista dos Trombadinhos, sr. Dez Dedos (a anormalidade na categoria é tê-los todos), denunciou a infiltração do M.C.I. (Movimento Capitalista Internacional) nas Forças Armadas nestes últimos quinze anos, particularmente.

Para Dez Dedos há fortes indícios de que o comportamento das FFAA tenha sido resultado de uma infiltração do M.C.I. articulada a partir de Wall Street e outros antros subversivos. Dez Dedos menciona mesmo os dois responsáveis pela infiltração, os **Generais Motors** e **Eletric**, que, através de um agente de ligação de menor patente, nativo, conhecido como **Cabo Frio**, teria feito chegar as duas mensagens em código que haviam determinado o comportamento

das FFAA a partir de 1964. A primeira diziam m/v e a segunda m/cXv. Em Mensagem anexa que pode ser decifrada, Motores e Eletric recomendavam que o objetivo fundamental das FFAA nativas seria a de tentar intensificar estas duas fórmulas. O responsável dos Trombadinhos, ainda que manifestando sua ignorância em criptografia, disse que intuía que estes objetivos tinham sido atingidos. Para evitar possíveis malentendidos e as consequências legais correspondentes, Dez dedos concluiu informando que suas declarações nada tinham que ver com o recente pronunciamento do sr. Comandante do II Exército, quando mais não seja porque etc. Dez Dedos, se referia a uma infiltração nas FFAA da Basutolândia, que como sabemos fica na África. (Cravo de Luxemburgo)



vereadores anistiados devem ficar com cargos

Marcos Klassmann e Glênio Perez acabaram dando uma volta por cima na anistia restrita do governo. Acontece que os dois, vereadores de Porto Alegre eleitos em 1976 e cassados no ano seguinte, não poderiam reassumir seus cargos, segundo entendia o Planalto.

O vereador emedebista Cleon Guatimozin, presidente da Câmara da capital gaúcha, não deu muita bola para o que entendia o governo e empossou os vereadores anistiados. O governo reagiu dizendo que iria recassar os dois através da justiça. Só que ficou um passa-passa para ver quem é que ia se queimar cassando os cassados. O governador do Rio Grande do Sul afirmava que ele não tinha nada a ver com a história e jogava a bola para o planalto. O procurador-geral da república dizia que aquilo não podia ficar assim, mas que a responsabilidade era do governo estadual e era ele que devia tomar "as atitudes".

Enfim, ficou um jogando para o outro mas ninguém seguiu o pepino. Pois, se nem mesmo o Planalto tem condições de ficar cassando parlamentares por aí, não vai ser um ditadorzinho de quarto escalão que vai se meter a caçador. Mesmo porque ninguém sabe quando vai ser o dia da caça.

Conclusão: parece que o governo desentendeu o que havia entendido e deu o dito por benedito. Tudo indica que Marcos Klassmann e Glênio Perez vão ficar com seus mandatos. Esta semana deverão inclusive ser eleitos para participar das comissões técnicas da Câmara dos Vereadores de Porto Alegre. Só vai ficar faltando mesmo gabinete para os dois. Acontece que após sua cassação um incêndio destruiu uma parte do prédio da Câmara e não existem salas disponíveis... (Sérgio Allc)

lembo desagrada arena paulista

A "Gata Borradeira" de São Paulo, o governador biônico Paulo Salim Maluf, que teve como fada madrinha para chegar ao Palácio dos Bandeirantes, uma grana altíssima, quer vingar de suas vaidosas irmãs arenistas mais sofisticadas, que nunca lhe deram muita bola.

O princípio dessa tentativa de vingança foi contra Cláudio Lembo, por ele ter ido receber Leonel Brizola. Queria suspender o massacrado ex-candidato a senador (se lembra, Lembo?) por isso. Mas, como desta vez a fada madrinha do Maluf — \$ — não deu as caras, e também porque os adesistas do MDB — no caso — não tinham direito a voto, o negócio não deu certo. O diretório paulista da Arena acabou deixando a coisa por "um voto de desagrado pelo comportamento do presidente regional do partido". (RVN)

o ptb do amor da dona ivete

A ex-deputada e pretensa herdeira da sigla PTB (já não se fazem heranças como antigamente), Ivete Vargas, declarou em Curitiba que está topando — se for convidada — um encontro com o Leonel Brizola para ressuscitar a falecida entidade partidária e o populismo que sempre a caracterizou. Aparentemente influenciada pelos melodramas cotidianos das novelas de televisão, disse a aspirante e reorganizadora do PTB: "o PTB do amor é um só" Epa! Epa!. Esse PTB tá pior do que a gente podia imaginar. Com a Ivete, prefiro a guerra (o que não quer dizer que prefira o amor com o Brizola, muito pelo contrário: o melhor é que fiquem com o "PTB do Amor" para eles e que o desfrutem devidamente, e deixem esse papo de reorganização partidária para gente mais séria).

Só como referência, aviso a "tia" Ivete Vargas que se ela quiser me conchavar para o seu PTB do amor, dependendo do cabo eleitoral que ela mandar, podemos conversar. (Rezen-de-Valadares Netto)

mulheres: a violência nossa de cada dia

As prostitutas de São Paulo saíram em passeata na noite de sexta-feira dia 21, para protestar contra a morte de uma companheira e contra a violência de que são vítimas.

Maria Regina e "Andréa" em São Paulo sucedem a outras mulheres vítimas da violência: Araceli em Vitória, Cláudia no Rio, Maria José Silva em Porto Alegre, uma longa e interminável série. Enquanto isto aos assassinos, dignos e respeitáveis filhos da nossa maravilhosa sociedade, não faltam protetores e defensores. Michel, assassino de Cláudia, fugiu para a Suíça, os assassinos de Araceli permanecem impunes, Flávio Alcaraz Gomez, assassino de Maria José foi condenado a 12 anos, recorreu e aguarda novo julgamento em liberdade, beneficiado pela lei Fleury, e pagou 8 minutos de uma cadeia de televisão para lamentar o "trágico acidente".

E já há quem diga que Dan Martin Brum, o assassino de Regina estava em tratamento psiquiátrico e é irresponsável.

E as mulheres? São elas responsáveis pela violência cotidiana de que são vítimas nas ruas, nos ônibus e muitas vezes nos próprios lares dos quais supostamente são "rainhas". (ESL)

MDB impopular

Ainda que sob o signo de sua dissolução, o MDB começa a esquentar os motores da disputa pela sua direção nacional em novembro próximo. As articulações para a composição da chapa para o Diretório e Executiva Nacionais esquentaram-se e, ao que tudo indica, o jogo é complicado.

Alguns autênticos mais afoitos chegaram a levantar o nome de Miguel Arraes para a presidência, ao invés do "liberal sincero" Ulisses Guimarães.

Sonho e ignorância. Sonho porque o conjunto dos autênticos, numa franca revelação do deputado federal Airton Soares, não deverão conseguir mais do que 35% da direção do partido; os 65% restantes ficando entre os moderados e os adesistas. Portanto seria impossível a substituição de Ulisses. E ignorância, pois os agora anistiados, têm que passar por um prazo de carência antes de ocuparem cargos diretivos em partidos.

Os moderados, revoltados com tanta insolência e arrogância dos autênticos, contratacaram, pedindo mais do que já tinham. E disseram: na hora dos discursos, é com vocês; na hora dos votos é conosco mesmo.

(Flávio Andrade)

MALUF E OS CARGOS



pds, mas podem chamá-lo de arenão

la ser o Partidão. Mas algum espírito mais ponderado deve ter lembrado que o velho PCB poderia recorrer à Justiça, reclamando direitos autorais ou a presença de representantes da Comissão Executiva Nacional. Criou-se então a idéia do "partido do João". Novamente, aquele espírito mais ponderado deve ser observado que o João, no caso o Baptista, estava mais para Herodes do que para o próprio. E a expressão "Arenão" não dava mais. Vide resultados das eleições.

Enfim, parece que vai ser o PDS — Partido Democrático Social. E, fora dele, não haveria salvação. Faz-se o seguinte: pegam-se os velhos coronéis do falecido PSC, — e seus respectivos currais eleitorais do fundão do Brasil — o pensamento reacionário da

UDN, jogam-se algumas pitadas de trabalho, social-democracia, democracia-cristã e liberalismo. E está pronto o montio, isto é, o PDS. Para maior segurança, compra-se por 30 moedas de prata os chaguistas e os adesistas incontroláveis de S. Paulo.

Para garantir a fidelidade, dá-se o comando político nos Estados aos governadores. E os infieis serão tratados a pão e água. Assim, porque votou a favor da anistia ampla, geral e irrestrita e discordou do Arenão, o deputado Carlos Wilson (Arena-PE) teve uma tia demitida da direção da Funabem em Pernambuco. Pragmático, o ministro da Justiça, Petrônio Portella, admitiu que, se os deputados arenistas indicam pessoas de sua confiança para cargos federais em seus Estados,

deverão pagar esse privilégio com seus votos no Congresso.

Nos Estados, prefeito que quiser verba para calçar rua ou construir escolas, vai ter que se converter. E, no dia 28, em Sorocaba, já teremos uma pré-estréia do novo filme: pelo menos, 20 prefeitos do MDB deverão aderir ao "Arenão", na presença do Figueiredo e seu sátrapa Paulo Maluf.

Ao nível municipal, haverá sublegendas, o que permitirá ao coronel Tião discordar do coronel Zezé e divergir do coronel Limoeiro. E, com isso, dar a impressão ao povo do Interior de que participa de alguma decisão.

(AM)

quem é quem no mdb paulista

O MDB paulista vive dias de glória. Depois do acordo entre os senadores Franco Montoro e Orestes Quércia, permitindo o surgimento de uma chapa ambígua, variando de um Mário Covas (cassado e perseguido em 69) a um inexpressivo Airton Sandoval (um fusca para quem souber quem é ele), surge agora a tal "chapa das bases" para disputar o diretório regional.

E quem são os líderes? Vocês acertaram e não vai ter Fusca nenhum de presente porque a resposta era mais que conhecida. São todos os deputados emedebistas que participaram do jantar oferecido pelo governador Paulo Maluf ao presidente Figueiredo, em Brasília, na semana passada. Aqui vão os nomes para ninguém mais se esquecer: Natal Gale (presidente atual do diretório), José Camargo (1.º

vice-presidente), Jairo Maltoni, Mário Hato, Walter Garcia, Jorge Paulo, Francisco Leão, João Paulo Arruda — eleito para a Câmara mas prefere a pista do Hippopotamus — Roberto Carvalho, Adalberto Camargo e Athiê Jorge Coury. Os estaduais são Marcos Cortes, Antonio Carlos Mesquita, Benedito Campos, Edson Thomaz de Lima, Silveira Sampaio, Teodosina Ribeiro, Jihei Noda, Agenor Lino de Matos, Manoel Sala (manjadíssimo) e Ivan Espíndola de Ávila.

Aliaram-se a figuras obscuras da própria oposição, como um certo Antonio Carlos Fernandes que, entre outros feitos notáveis, conseguiu ser expulso — e readmitido — nesse patusco "partido de oposição". Seu lema: aderir, aderir, aderir sempre.

Contra a turma de Quércia e Mon-

ro e o bando dos adesistas, fica a chapa "Unidade Popular", encabeçada pelo deputado federal Aurélio Peres e os estaduais Geraldo Siqueira, Irma Passoni, Sérgio Santos e Mauro Bragato. Seu programa: contra o adesismo, a conciliação e a vacilação: Na greve dos metalúrgicos do ABC, em março, todos eles foram violentamente criticados pelos colegas de bancada. Afinal, lugar de deputado era no Legislativo e não em assembleia de sindicato ou porta de fábrica para impedir violência policial. Geraldo Siqueira chegou a ser agredido por um policial.

Para conciliadores, vacilantes e adesistas, povo só é bom visto de cima do planaque.

(Angel Morales)

enfim a vitória dos estudantes de são luís

Os estudantes de São Luís, capital do Maranhão, vão pagar meia nas passagens de ônibus a partir desta semana. Diante da possibilidade de nova passeata estudantil pelo centro da cidade, com disposição para, se necessário, voltar a enfrentar a polícia, o governador do Estado, João Castelo, pediu arrego e negociou a concessão da reivindicação, condicionando apenas que os estudantes renunciassem primeiro o final da greve.

O episódio da passeata da semana passada e dos conflitos que redundaram em mais de 300 feridos e diversas prisões (alguns detidos, não estudantes, ainda estão presos), paralisando por dois dias a capital maranhense, foi rico em experiência. Muito condimentos fizeram parte do bolo. O governador, que estava ausente do Estado, chegou declarando que "não negociaria com terroristas". Isso na sexta-feira passada. No domingo, um pouco mais manso, apenas argumen-

Defendendo os direitos humanos

"A defesa dos Direitos Humanos não pode se restringir apenas a momentos em que a violência ou a barbárie se manifestam com mais intensidade. A defesa dos Direitos Humanos é uma luta permanente."

Desta forma o Deputado Antenor Ferrari do MDB gaúcho inicia o documento de Justificativa da proposta de criação da COMISSÃO PERMANENTE DOS DIREITOS HUMANOS, apresentada na Assembléia Legislativa gaúcha.

será muito difícil e principalmente, inconveniente para a direita do MDB gaúcho sustentar uma posição contrária à criação da Comissão de DH, sob pena de desgastar-se ainda mais neste momento em que vive uma grande confusão trazida pelos novos ventos soprados de São Borja. (Luís Tadeu Viapiana)

liberdade de tortura na polícia mineira

A polícia mineira continua fazendo das suas. Desta vez a vítima foi o menor C.S.C.R. de 17 anos. Ele foi torturado na 10.ª Delegacia de Polícia Metropolitana de Belo Horizonte até confessar o assassinato do Presidente da Cooperativa Agrícola de Entre Rios de Minas, João Crisóstomo Rezende. Como ele era figurão na cidade de São João D'El Rev seu assassinato, ainda não esclarecido, botou a polícia à procura de um "assassino". A "confissão" do menor foi um achado para os tiras: entraram na cidade fazendo grande algazarra, com os camburões, com sirenes abertas, etc. A polícia venceu assim mais uma batalha na sua interminável guerra contra o crime.

Mas, para desgosto da polícia o menor em questão simplesmente não podia ter matado o João Crisóstomo, nem ninguém. É que, no dia do assassinato, 13 de junho, ele estava... na prisão. Tinha acabado de sair da prisão sem pagar e por isso ficou no xadrez de Caxambú por 4 dias. A situação ficou preta. Se ele estava preso, não poderia ter assassinado, então porque confessou? CSCR descreveu em juízo as torturas que sofreu: pau de arara, choque, etc etc. E agora? A tática das autoridades tem sido fazer tudo para não acreditar no depoimento do menor. E estão pedindo provas até de que CSCR é ele mesmo! Por via das dúvidas já estão providenciando a internação do menor numa "clínica especializada" pois, afirmam, "não há dúvidas de que ele é um doente". Enquanto isso os tiras da 10.ª Delegacia continuam impunes, afixando suas maquininhas de criar réus para crimes que precisam ficar sem esclarecimento... Até quando?

(Ricardo Rabelo)

ELA É BRASILEIRA. ESTÁ PRESA NOS CÁRCERES URUGUAIOS DESDE 1972.

O GOVERNO
BRASILEIRO E
CADA UM
DE NÓS
É RESPONSÁVEL.

LIBERDADE
PARA
FLÁVIA

CBA



Este anúncio será publicado por este jornal até o dia da libertação de Flávia

Ignácio hernandez

Carta aberta aos núcleos do PT: por uma comissão nacional do PT

A reformulação partidária se aproxima. Acontecimentos se precipitam - a volta dos exilados, o retorno de uma série de figuras políticas à cena - numa conjuntura em que o regime mantém a iniciativa política, particularmente na questão da reforma partidária, campo em que joga para diluir a oposição manipulando, com este propósito, o controle dos marcos institucionais, marcos legais e requisitos de organização.

Na oposição, uma proposta de frente ampla democrática vem ganhando corpo e, no momento, está dando o tom. Esta frente, pela forma como vem-se apresentando, é marcada pela defesa de que, antes de qualquer modificação social, precisamos encontrar a plenitude democrática. Se descaracteriza em termos de que alternativa deve ser colocada à ditadura militar, deixando em aberto - com o propósito de ampliar aliados - que transição democrática é esta, o que sugere, inclusive, a possibilidade de alianças táticas com o projeto do próprio regime.

O crescimento da frente ampla se combina com um crescente esforço, desenvolvido dentro do MDB, para levar ao isolamento alguns parlamentares que são taxados de radicais, inconseqüentes, tudo isto por se contraporem à frente ampla democrática.

Nesta quadro, é urgente acelerar a construção de uma alternativa que, realmente, rompa com o regime militar, em definitivo, e com toda a estrutura econômica que o sustenta. Para isto as forças populares e operárias necessitam tomar iniciativas políticas que quebrem a articulação do regime e a diluição de projetos oposicionistas, pela base. E esta alternativa não deve ter, única e exclusivamente, expressão no plano institucional, mas deve, fundamentalmente, fixar suas bases nos movimentos de massas reunindo, por exemplo, a nível nacional, os movimentos operário, sindical, de bairros, estudantil e, em suma, todas as camadas assalariadas, perseguidas e oprimidas. No seio deste movimento o operariado tem que liderar e puxar, **agora e urgentemente**, uma alternativa de organização política.

Esclarecer os pontos comuns

Para que não se perca mais tempo, é necessário que os que defendem os interesses populares (como os proponentes do Partido Popular e do Partido dos trabalhadores) superem suas dificuldades de conversação e caminhem para o esclarecimento de seus pontos comuns, definindo as condições de trabalharem conjuntamente na estruturação de um organismo político nacional.

Para dar o impulso, o momento está exigindo que os defensores do PP e PT, por exemplo, partam da luta pela ampla liberdade de organização partidária, sem dar margem para que seja entendida como um movimento pela extinção do MDB. Neste ponto os defensores da manutenção do MDB e da organização da frente ampla democrática se esquecem dos limites que o regime militar impôs a liberdade partidária, desde 64. Outra iniciativa que deve ser tomada é a do esclarecimento das propostas programáticas. O PP e o PT devem colocar os seus programas para discussão. Em aberto, ainda. Pois não dá para todo mundo ficar puxando e dizendo: entre na minha proposta. Como se sabe existem diversas e diferentes propostas de PP e PT. O que é certo é que há pontos em comum que deveríamos colocar no papel e, em cima deles, jogar os programas na mesa, puxar propostas de organização e de mobilização, inclusive, em conjunto.

geraldo siqueira

Não dá para todo mundo ficar puxando e dizendo: entre na minha proposta

Em muitos pontos do país surgem núcleos do Partido dos Trabalhadores, se fazem debates e existe por toda parte uma certa mobilização. Também se levanta a dúvida: como o PT se tornará viável? Conseguirá quebrar a casca do ovo e sair correndo pelo Brasil? Entre a esperança e a dúvida está o trabalho dos núcleos incipientes com bastante entusiasmo. Por que o PT não avança? Por que a idéia não se traduz em idéia a nível da massa? Porque um partido que se faz só com entusiasmo e discursos, se faz com organização. Porque estamos desarticulados a nível nacional e mesmo regional. Cada núcleo e cada atividade toca o bonde como pode e canta conforme sua própria inspiração.

É necessário que o PT surja das bases trabalhadoras, das fábricas e do campo, dos bairros operários e das cidades do interior. Mas temos que evitar o perigo do basismo. As massas trabalhadoras não darão muito passos sozinhas sem uma liderança que interprete o sentimento comum, e revele o caminho que a maioria quer seguir, que lance as palavras de ordem, que desencadeie um movimento e o oriente no caminho certo. A liderança a que me refiro são **todos os ativistas** que formam atualmente núcleos pelo Brasil afora.

Creio que já se impõe tomar algumas decisões importantes a nível mais amplo, saindo dos grupos sindicalistas que lançaram a idéia. A primeira é a articulação de todos os núcleos dispersos pelo Brasil. É urgente uma **COMISSÃO NACIONAL do PT** composta por representantes dos estados em que o movimento está caminhando. Comissão de trabalhadores que teria por função unificar as diferentes propostas políticas e experiências dos núcleos de base e encaminhar a estes mesmos núcleos a orientação oficial do partido em fase de formação.

O PT não deve esperar tempos tranquilos

O movimento de massas nos supera e exige nosso tempo e nossa força. Chegam as campanhas salariais de nossas categorias e o movimento pelo PT fica esperando tempos mais tranquilos. Parece-me um grave erro, pois é no momento da luta que o PT se cria e se coloca a serviço de toda a categoria, como partido na organização desta luta. Pensamos muitas vezes em primeiro criar o partido para depois organizar a classe trabalhadora, e enquanto devíamos pensar em criar o partido dos trabalhadores simultaneamente e dentro dos grandes movimentos salariais e grevistas, respeitando sempre as características próprias do movimento sindical. Uma maior agitação num estado faz adiar os compromissos com o PT da comissão sindical como foi o caso da construção civil em Belo Horizonte ou a dos bancários de Porto Alegre.

Por isso, penso que se, se quiser criar o PT a partir da base e com democracia interna tem que se retomar a luta a cada hora a partir da realidade existente. Hoje existem núcleos, as vezes não muito grandes e quase nunca com a característica oficial do PT. É necessário escolher representantes para comissões regionais e estaduais, ao mesmo tempo em que os núcleos estaduais representantes para uma **COMISSÃO NACIONAL**.

Seria muito importante iniciar um debate público através deste e outros jornais da imprensa alternativa em que os ativistas do PT manifestem suas opiniões e divergências. Se é da base que surge o partido (apesar de que muitos duvidem disto) os companheiros do PT que manifestem suas opiniões sobre estas comissões regional, estadual e nacional. Assim estaremos construindo o Partido dos Trabalhadores.

olívio dutra

A unidade oposicionista não precisa expressar-se numa única legenda.

Nesse momento em que toda a nação procura-se organizar e onde existem projetos partidários orientados pelo regime, os trabalhadores não podem ficar à espera de que as elites articulem os seus condutos políticos para depois escolhermos entre os menos ruins. É hora de fazermos a ligação com a luta concreta dos trabalhadores e levarmos a todas as categorias, nas diferentes regiões do país, a proposta de um Partido dos Trabalhadores.

No nosso caso, não podemos abandonar a luta econômica da categoria que estourou numa greve, e partirmos para a articulação do PT. Nesse momento nossa luta principal é específica e econômica. Mas a própria categoria percebe que a solução de seu problema econômico e social encaixa na alternativa de organização política-partidária.

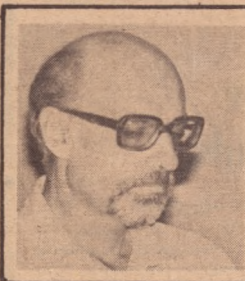
Pelo menos a curto prazo não existe nenhuma possibilidade de abirmos mão da construção de um partido dos trabalhadores. Entendemos que nossa proposta não é sectária pelo que o próprio nome indica, um partido da maioria da população brasileira e que, por si mesmo já é uma proposta de partido popular. Isso não quer dizer que estejamos fechados a todos aqueles que estiveram e estão comprometidos com os setores explorados. Devemos manter um contato permanente com as diferentes tendências oposicionistas e este contato não deve limitar-se ao diálogo, mas concretizar-se em tarefas comuns.

Queremos mais que uma democracia Formal

Não podemos esquecer que vivemos num regime onde o bloco no poder é monolítico, que detém o aparelho do estado e da coersão. Não conquistamos a democracia. Mas a unidade oposicionista não precisa expressar-se em uma única legenda. No meio oposicionista existem os trabalhadores, nós que temos como único bem a nossa força de trabalho e, diferenciando-se muito de nós, também existem proprietários dos meios de produção. Embora esses setores tenham contradições com o regime e com setores do grande capital, principalmente o capital estrangeiro, tem também suas características próprias e devem organizar-se em seu próprio partido.

Não é pelo fato de, por um determinado tempo ainda termos que levar tarefas comuns, que vamos entrar num partido onde nós, trabalhadores não tenhamos hegemonia. A unidade na luta pela democratização da sociedade é necessária, mas desde já tem que ficar claro que nós, trabalhadores, queremos mais que uma democracia formal. Queremos uma democracia que implique na distribuição da riqueza social, onde os próprios trabalhadores organizem e decidam sobre os instrumentos de exercício da democracia.

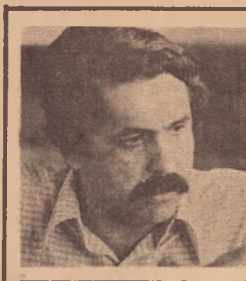
O partido dos Trabalhadores é a proposta de um instrumento de organização dos trabalhadores da luta por uma sociedade justa. Não há porque abrir mão dessa proposta.



Ignácio Hernandez é membro da oposição sindical metalúrgica de Belo Horizonte e Contagem



Geraldo Siqueira (Geraldinho) é deputado estadual pelo MDB de São Paulo



Olívio Dutra é presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre

A denúncia da ditadura e da exploração.

Uma completa cobertura operário-sindical do país.

Um verdadeiro time de oposicionistas opinando sobre a conjuntura.

(Lula, Fernando H. Cardoso, Olívio Dutra, Almino Afonso, João Paulo Vasconcelos, entre outros)

A história da esquerda brasileira.

O debate dos grandes temas do marxismo.

São Paulo - Rua Mateus Grou, 57 - Telefone: 280-4759 - 85-6680

Assine
PROMOÇÃO ESPECIAL
POR POUCOS DIAS

EM TEMPO:

um jornal de esquerda ao lado dos trabalhadores

Nome _____ Profissão _____

Endereço _____ Bairro _____

Cidade _____ Estado _____ CEP _____

Desejo uma assinatura:

Estou enviando o cheque nº _____
do Banco _____

ANUAL Cr\$ 600,00

ANUAL US\$ 90,00

SEMESTRAL Cr\$ 350,00

SEMESTRAL US\$ 50,00

“A ‘transição democrática’ não passará no 7º Congresso”

É o que afirma, em entrevista exclusiva em Havana, Pedro Paulo Baraúna, membro do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro e representante oficial em Cuba. Um «insurrecionalista» dentro do partido, como ele mesmo se define.

Por Camilo Guerra

Os dirigentes comunistas estão voltando. Não somente ao país, como também, passo a passo, à legalidade. Seu próximo congresso, o sétimo, já está anunciado para breve pelo jornal *Voz Operária*, órgão oficial do Partido Comunista Brasileiro. O congresso é urgente, pois a repressão de um lado, desbaratando a estrutura orgânica do partido, e de outro, as reviravoltas da crise do movimento comunista mundial, desestruturaram-no germinando várias tendências internas.

De um lado, estão os Prestistas, cuja marca nítida é o soviétismo. De outro, os eurocomunistas, defendendo teses «heréticas» aos olhos dos primeiros, semelhantes àquelas dos grandes PCs da Europa. Mas há também uma «ala esquerda» que fala da «desburocratização» do partido e sua «renovação» ainda que de modo confuso, porém anti-prestista e radicalmente anti-eurocomunista.

Integrada fundamentalmente por ex-militantes da esquerda militarista que voltaram ao Partidão com a falência de suas organizações, a «ala esquerda» se apóia, dentre «os velhos», em Pedro Paulo Baraúna. Membro do Comitê Central do PC, com 64 anos de idade solteiro, gaúcho, ele é hoje representante oficial do partido em Cuba. Militante desde 1935, saído das fileiras do exército, Baraúna, seu nome de guerra, firmou-se no partido, e ele mesmo o reconhece, como «um insurrecionalista», por suas posições em defesa de uma estratégia insurrecional para tomada do poder, contrapondo-se até hoje aos pacifistas legalistas defensores da «transição».

Mas como a própria entrevista deixa claro, as posições do «velho» não são assim tão distantes daquelas oficiais. O que há, no fundo, é um verniz castrista sobre as mesmas posições políticas. As grandes diferenças estão mais na ênfase à «ruptura da ditadura» e na possibilidade reconhecida de composições com «outras organizações revolucionárias». E mais, seu modo de opor-se ao eurocomunismo, não consegue esconder vestígios stalinistas. O que, cumpre reconhecer, é pouco estimulante para se falar de novos tempos no Partidão.

Qual a posição do partido hoje frente ao processo político brasileiro?

Hoje a grande questão é concentrar todos os esforços na mobilização e organização em profundidade da classe operária, principalmente no eixo Rio, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, onde se concentram os operários. Devemos nos voltar também para os jornalistas, os médicos, os professores, enfim todos os setores médios. E nestes incluem-se os militares, porque como cidadãos têm as mesmas inquietações, as mesmas reivindicações e, como soldados, como patriotas, têm que se colocar contra a exploração imperialista.

Uma sublevação geral contra o regime?

Nós hoje somos pela ruptura do regime que aí está. Mas esta só se dará quando tivermos condições para isso, quando as massas estiverem preparadas. Talvez, acontecendo algo parecido com 1930 que foi uma sublevação geral.

- Você acredita que o MDB é uma força política

para a derrubada da ditadura? Você é a favor de sua manutenção ou sua extinção?

O MDB é uma federação das oposições. Como único partido legal de oposição aí militam todas as tendências políticas do país. É um instrumento de unificação. Como são todas as tendências, existem os mais avançados, os mais atrasados, os conciliadores. Nossa posição é que ele deve ser mantido até a conquista das liberdades democráticas.

O MDB não vai derrubar a ditadura

- Mas o MDB é capaz de uma ruptura da ditadura?

Enquanto organização política não, pois isto é tarefa das amplas massas trabalhadoras.

- A direção do MDB, Ulisses Guimarães, Paulo Brossard, Thales Ramalho, etc, são aliados dos trabalhadores na ruptura da ditadura?

São opositores... irão até certo ponto: devemos marchar juntos até este ponto sem nos indagar insistidamente por ele.

- Mas e o papel do MDB tem sido condizente com uma ruptura da ditadura?

O MDB atuará contraditoriamente até que as massas se coloquem na cena política para valer. Por outro lado não cabe ao MDB a tarefa de dirigir a ruptura; esta é a tarefa do Partido Comunista, é uma tarefa das massas.

O MDB nunca será, enfim, o instrumento da ruptura da ditadura.

- Haveria então que se forjar este instrumento, para que a ruptura da ditadura não ficasse nas palavras?

- Eu penso que não há esta necessidade ainda. É necessário encontrar a unidade de ação entre as diversas organizações e personalidades revolucionárias.

- No caso da Nicaraguá, por exemplo, foi a Frente Sandinista. No caso do Brasil será como? Um processo espontâneo?

Espontâneo não. Será um processo das massas organizadas e orientadas pelo Partido Comunista e outras organizações revolucionárias existentes. Mas é cedo ainda para se falar nisto.

Nosso partido ainda é fraco

- Qual a força real do Partido Comunista na classe operária? Poquê ele ainda não é um partido como os europeus?

A repressão dos últimos anos foi significativa. Ainda temos até hoje uma debilidade histórica que reconhecemos e lutamos por superar. O nosso partido não conseguiu até agora enraizar-se no seio da classe operária; tornar-se uma tradição dela, de ser comunista mesmo sob a pior repressão. Isto ainda não conseguimos, mas acredito que conseguiremos.

- Você poderia dar algumas informações sobre as perspectivas do sétimo congresso do partido? Alguns órgãos da imprensa no Brasil chegaram a dizer que o partido poderia adotar a linha eurocomunista, mais ou menos na linha do partido espanhol.

Primeiramente é preciso esclarecer sobre o que é eurocomunismo. Não se trata de nada especial, trata-se de partidos comunistas da Europa que tem sua situação específica e adotam a linha política de acordo com a situação de seu país.

- Mas os eurocomunistas aboliram do programa a ditadura do proletariado...

Isto não ocorrerá com nosso partido, podemos chegar, por exemplo, a nem colocar a consigna da ditadura do proletariado, para que as massas não se confundam, pois ditadura é algo execrável para elas, mas jamais aboliremos o princípio da ditadura do proletariado, porque sem ele será impossível reorganizar aquele país, principalmente no aspecto econômico.

O Eurocomunismo não vencerá

- Mas uma corrente eurocomunista dentro do partido não iria privilegiar a luta parlamentar hoje? Eles negam a necessidade de destruição do estado, por exemplo.

Seria derrotada no partido. Nosso partido não concorda com essa transplantação mecânica que, pode ser até que alguns militantes queiram fazer. Seria até ridículo dizermos que o parlamento como está hoje seria uma via de solução para os problemas da revolução brasileira.

- Uma posição pela transição democrática e não pela ruptura da ditadura tem chances de vencer dentro do Partido?

Pode ser até que existam alguns militantes no partido que pleiteiam a transição para a democra-

cia, o privilegiamento do parlamento, mas isso não passará no nosso Congresso, pois a maioria aplastante do partido é contra.

O Partido dos Trabalhadores já existe

- Como você vê a proposta do Partido dos Trabalhadores?

Na *Voz Operária* nós já definimos a nossa posição. Acreditamos que é uma aspiração justa dos trabalhadores quererem a organização de seu partido, de um partido de classe. Nosso partido é o partido da classe operária dos trabalhadores, mas

com a repressão que por tantos anos se abateu sobre nós, os operários mais jovens não puderam conhecê-lo. Se se trata realmente de um partido de classe, um partido para a luta de classes, então queremos e deveremos nos encontrar e marcharmos juntos rumo ao socialismo. Eu tenho dúvidas se se trata realmente disto, ou da reedição de um partido trabalhista, social-reformista e nacional-reformista, manejado pela burguesia embora com base operária. Se for assim, também não somos contra que se organize, da mesma forma, mas tendo claro que não se trata de um partido de classe.



O passado:

Algumas opiniões de Baraúna sobre eventos importantes da história do Partidão:

Sobre o movimento de 1935: “Não havia outro caminho que o da insurreição, principalmente depois que o governo declarou ilegal a Aliança Nacional Libertadora... Estratégicamente foi uma posição correta. O erro esteve nas condições subjetivas, em não preparar bem a insurreição.”

Sobre o caráter da revolução brasileira: “Tanto ontem como hoje a transformação da sociedade brasileira terá que passar pela fase nacional democrática, de luta contra o imperialismo e o latifúndio. De dentro deste movimento é que começarão a surgir os elementos da etapa seguinte, da passagem para o socialismo”.

Sobre o golpe de 64: “Nosso erro foi ter centrado o combate não no imperialismo e no latifúndio, mas desviado o ataque para a burguesia nacional conciliadora que se expressava através de Goulart... A posição do Marighela, por exemplo em 64, já era de luta armada contra o Goulart.”

Sobre as cisões que deram origem à esquerda armada: “Havia o sentimento da frustração, por parte principalmente dos mais jovens que por falta de maturidade não acreditavam na recuperação do partido após o golpe de 64. Estavam equivocados, mas nós somos responsáveis por isto. Tanto assim que muitos destes companheiros retornaram ao partido tempos depois.”

Sobre a relação com as demais forças da esquerda: “A consolidação do golpe aproveitou da ausência de unidade de ação entre as forças da esquerda. Se ela tivesse se dado, provavelmente a ditadura já teria sido derrotada.”

Oposição quer reajustes trimestrais

Às vésperas de sua morte o MDB resolveu, junto com dirigentes sindicais, apresentar um substitutivo e várias emendas ao projeto de reajustes semestrais de salários do governo. Dentro de 40 dias deverá se dar a votação dos projetos.

Por Paulo Sandroni

Com certo atraso, a oposição resolveu iniciar a luta pela reformulação da política salarial. O instrumento central a ser utilizado - apoiado por vários líderes sindicais - é o substitutivo ao projeto do governo que já se encontra no Congresso.

O substitutivo contém modificações importantes. Todas visam melhorar a situação dos assalariados frente aos patrões e, nessa medida, merecem o apoio dos trabalhadores e assalariados em geral. Os pontos mais importantes são os seguintes: no projeto do governo, os reajustes são semestrais; no da oposição, são trimestrais, ou seja, quatro reajustes por ano em vez de somente dois. O índice de reajustes proposto pelo governo IPC (Índice de Preços ao Consumidor) é uma média do custo de vida em todo o país. O da oposição é o aumento real em cada capital, isto é, cada capital teria um índice (há capitais, como Belo Horizonte, em que o custo de vida tem sido sempre muito maior do que nas outras. Nesses casos, um aumento baseado na média nacional seria sempre menor do que o aumento real do custo de vida naquela cidade, obrigando os trabalhadores a pagarem preços mais elevados e receberem aumentos inferiores). No substitutivo da oposição, a proporção do reajuste seria simplificada em favor dos trabalhadores: os salários até 3 vezes o valor do salário mínimo (Cr\$ 6.804,00) seriam reajustados do modo que o governo propõe: o índice do IPC (por exemplo, 20% no período) $1,1 \text{ isto é, } 20 \times 1 = 20 + 20 \times 0,1 = 2$ que dá 22%. E todos os salários superiores a Cr\$ 6.804,00 seriam reajustados pela multiplicação do índice do IPC (no exemplo, 20%) por 1 (um), ou seja, seriam reajustados pelo valor do índice ($20 \times 1 = 20$) de cada capital. Além disso, a oposição propõe que os reajustes sejam extensivos a todas as categorias não incluídas no projeto do governo: funcionários públicos, de autarquias etc e aos aposentados. Já o governo propõe que a proporção do reajuste seja inferior ao índice do aumento do custo de vida (IPC) para os salários superiores ao

valor de 10 salários mínimos. Ou seja, a cada reajuste os trabalhadores que ganham tais salários teriam o seu valor real sempre diminuído.

O substitutivo da oposição propõe, também, a revisão do conceito de salário mínimo, ampliando a definição de seus componentes e abrindo a possibilidade para que a degradação a que foi submetido durante estes quinze anos de arrocho salarial seja reparada pelo menos em parte. Como é sabido, o salário mínimo serve, até certo ponto, de pauta para os demais salários e, portanto, uma atualização daquele servirá para ampliar estes últimos. O substitutivo propõe também mecanismos mais rigorosos e democráticos para o cálculo do IPC, e um artigo dificultando a demissão de trabalhadores, e portanto bloqueando o aumento da rotatividade da força de trabalho um pouco antes ou após as convenções.

Apesar desses pontos, algumas questões do substitutivo precisam ser melhor discutidas.

Reajustes e aumentos

A primeira questão importante a ressaltar é o que significa reajustar um salário. Em geral se acredita que, se um salário depois de certo tempo for reajustado de acordo com o aumento do custo de vida, ele voltará a ser o que era. Ou seja, tem-se a impressão que fica tudo na mesma, tudo legal e justo.

Isso é falso. Na verdade, o salário somente volta a ser o que era, no momento (na quinzena, digamos) do reajuste.

Como, depois do reajuste, os preços dos gêneros de primeira necessidade continuam subindo, o

salário volta a ser corroído, e o trabalhador sai perdendo. Ou melhor, no período compreendido entre dois reajustes o assalariado sofre o diabo, e durante esse tempo, ganham aqueles que compram sua força de trabalho ou seja, os patrões. Por isso, é indispensável lutar pela redução dos prazos dos reajustes: mesmo a fórmula trimestral proposta pela oposição, apesar de muito melhor do que a do governo, ainda permite que esse mecanismo opere, prejudicando os assalariados. Até aqueles reajustes um pouco superiores ao aumento do custo de vida (10%, tanto no projeto governista como no substitutivo para a parte dos salários até 3 mínimos) não chegam a compensar os trabalhadores, quando a inflação é galopante como atualmente.

Portanto, também é falso pensar que tudo aquilo que vai mais além do reajuste, significa para o trabalhador um aumento de salário.

Liberdade, igualdade, produtividade.

De acordo com o projeto do governo os "aumentos" salariais devem estar relacionados com a produtividade. No entanto, o que se entende por produtividade, e como se calcula é uma enorme nebulosa.

Quando os patrões querem aumentá-la, geralmente ameaçam com demissões, espalham o boato de que vão "passar o facão" e, como diz um líder sindical, "os operários com medo de perder o emprego, até inconscientemente começam a produzir mais, a acelerar o ritmo de trabalho, para mostrar serviço...". No fim do ano isso aparece como o resultado de relações harmoniosas entre trabalhadores e empresários, quando na verdade não passou de um descarado aumento da intensidade do trabalho.

É claro que o trabalho pode ser mais produtivo, se organizado de tal forma a corresponder a uma adequada "racionalização". No entanto, os trabalhadores sabem também que estas técnicas utilizadas pelos capitalistas provocam no operário um esgotamento prematuro, um envelhecimento precoce, e a incapacidade de trabalhar no ritmo da grande indústria. E daí vêm as demissões, facilitadas pela invenção do FGTS.

Essa arma de que dispõem os patrões, provoca maior docilidade dos trabalhadores que, desejosos de conservar o emprego, tendem a opor pouca resistência a esse tipo de "racionalização do trabalho". O resultado, nesse caso, também aparece como um aumento de produtividade, quando na verdade é também outra forma vandálica de exploração do trabalhador.

A produtividade do trabalho pode aumentar realmente através do progresso técnico. Isso ocorre na indústria, por exemplo, quando é possível aumentar a escala de produção e introduzir máquinas mais aperfeiçoadas etc. Mas, a curto prazo os mecanismos de aumento da "produtividade" mencionados anteriormente são os que mais se fazem sentir.

Por isso, é muito importante apoiar medidas como aquelas contidas no substitutivo de oposição que visam reduzir as enormes possibilidades de demissão de trabalhadores hoje à disposição dos patrões. Não só é importante criar dispositivos que aumentem os custos de demissão de um trabalhador, como eliminar o arbítrio nessas demissões. Além disso, é também fundamental que os trabalhadores, através de seus sindicatos ou comissões de fábrica, interfiram e participem das decisões sobre corte de pessoal, quando isso for inevitável, isto é, numa época de recessão ou de reconhecida baixa nos negócios.

estudantes

Reforma ganha na USP

As forças reformistas, ganharam o DCE da USP.

Por Flávio Andrade

Vejam-se o que aconteceu com as eleições universitárias, onde obtivemos resultados positivos", declarava à revista Isto É, em recente entrevista, um membro anônimo do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, vivendo hoje no país.

Talvez o dirigente estivesse fazendo referência à vitória, dentre outras, da chapa **Todo Mundo no DCE**, que, com 2.641 votos, venceu na semana passada as eleições para a entidade central dos estudantes da Universidade de São Paulo. (Sobre as posições defendidas por esta chapa no plano mais ideológico ver matéria "Os repentistas da abertura", pág. 11).

De fato, o dirigente do Partidão tem motivos para jubilo pois, desde 1964, que suas posições no meio estudantil não entravam numa conjuntura alvissareira como esta de agora.

A vitória de **Todo Mundo no DCE** surpreendeu a muita gente, inclusive a nós (ver EM TEMPO n.º 82) que dávamos como favorita, quase certa, a primeira colocação para **Sacode a Poeira**, uma unidade entre as tendências Refazendo e Caminhando, tidas como as duas maiores forças estudantis na USP e, até agora, também favoritas para as eleições na UNE, dias 3 e 4 próximos, através da sua unidade na chapa **Mutirão**.

O Partidão e os estudantes

No pré-64, mais precisamente a partir de 1956, o Partidão foi força hegemônica na direção da UNE. Ora pela predominância patente de seus membros na diretoria da entidade, ora pela convivência num harmonioso condomínio com forças como a Ação Popular. Mas todos, sempre debaixo do véu de sua política reformista para o período. A partir de 64, o Partidão consegue ir até 67 num condomínio, já agora atirado dentro da direção da entidade estudantil. Atritado com a AP e outras forças que passavam a pesar mais e com propostas de ação autocrítica em relação ao pré-64. E também consigo mesmo, uma vez que é então, e sobretudo no movimento estudantil, que começam a se desenvolver as chamadas dissidências do Partidão que depois vão configurar as várias organizações da esquerda militarista.

Finalmente, a partir de 67, as posições do Partidão não encontrarão mais lugar nas composições para a direção da UNE. A hegemonia passa a ficar com a AP num primeiro momento e logo depois com o PC do B até que a entidade sucumbe na repressão dos negros anos 70.

O reformismo sempre cresce?

Hoje, vários sintomas indicam o crescimento do reformismo, na sociedade em geral e no meio estudantil em particular. E as eleições recentes para o DCE da USP foram neste sentido.

Há um pano de fundo mais geral para este fenômeno, que se expressa na clássica constatação de que, nos momentos iniciais de ascensão do movimento social, as posições mais reformistas tendem a crescer rapidamente. Isto por várias razões. Contingentes enormes da massa entram na esfera da atividade política e, aparentemente, a consciência, espontânea desta massa se adequa melhor à moderação reformista.

As massas ainda não provaram grandes embates; em suas ilusões quanto à possibilidade de transformação parcial e gradual do estado de coisas vigente ainda é forte; tudo que seja mais radical soa a porralouque

Além do que, as posições reformistas, mais bem encrustadas nos aparelhos e na sociedade em geral durante o período anterior de baixa, demonstram uma maior capacidade de arranque quando a conjuntura se abre.

Não é gratuito que a chapa **Todo Mundo no DCE** tenha centrado sua plataforma para as eleições em temas quase exclusivamente universitários, específicos — como se estas transformações fossem possíveis fora de uma mudança mais geral. E não é à toa, também, que a chapa mais bem guarnecida na retaguarda, tanto em termos de notórias personalidades nacionais como em termos financeiros é sua congênere para a UNE, a **Unidade** — composta pelas tendências Reforma e Frente Popular.

Mas, não há nenhum automatismo garantido neste movimento ascensional para o reformismo aí que as posições chamadas "esquerda revolucionária" já tinham, desde 67, conquistado um espaço praticamente seu.

No plano da USP, seu DEC-Livre é reconstruído em 76 sob hegemonia da tendência



Refazendo, que guardaria cores pondência com a dita "esquerda revolucionária". Em 77, Refazendo repete a vitória. Mas, em 78, fruto do seu imobilismo outras tendências próximas, a **Liberdade e Luta**, que havia puxado as mobilizações de massa anteriores, toma-lhe o DCE, selando o seu curto ascenso no movimento estudantil paulista bem como nacional. Curto, porque, pecando pelo oposto de Refazendo o mobilizacismo desenfreado, quase histérico e doutrinista — a **Libelu** não conseguiu trazer a massa senão alguns meses mais atrás de si e agora perde a entidade.

Que mutirão é este?

Ou seja, entre o esquerdismo da **Libelu** e o reformismo da **Reforma** a massa preferiu esta última. E prova do caráter pouco atrativo desta opção, foi a baixíssima votação, de apenas 9529 estudantes. A **Refazendo e Caminhando**, através da chapa **Sacode a Poeira**, apesar de bem implantadas na USP já há longa data, com seu programa confuso, no entanto, sem se distinguirem claramente do reformismo, não foram de fato uma alternativa ao esquerdismo da **Libelu**. E a **Novação**, na sua composição para o DCE da USP, era extremamente pouco implantada.

E agora, para a UNE, o risco se repete. É verdade que até hoje, em virtude de difíceis acertos internos entre a Reforma e a Frente Popular, a chapa **Unidade** ainda não conseguiu soltar seu programa. Mas certamente não trará novidades substantivas. Será a pregação emudecida de sempre: "os estudantes devem se

integrar na luta para transformar o MDB num partido popular" é o farol de sua política.

Mutirão soltou seu programa. Mas ao contrário do que muitos acreditavam, surpreendidos no ato de lançamento das chapas pelo "claro posicionamento de suas lideranças", suas propostas não vão além de uma confusa "unidade popular" contra a ditadura, que prefere se esconder sob o manto ambíguo do "popular" a ter que se definir claramente diante das grandes questões hoje colocadas na ordem do dia. Ou seja, ao lado de que, dos trabalhadores ou dos patrões, enfrentar a ditadura bem como as contradições da universidade brasileira. Na questão da reforma partidária, **Mutirão** se propõe a abrir um amplo debate em torno do assunto entre os estudantes. Ora, abrir debate, e tão somente isto, a esta altura da corrida pela reordenação partidária é de fato, semear o confucionismo e a paralisia entre a massa enquanto as portas ficam abertas a nível de cúpula para acertos de última hora. E mais, e isto é um absurdo, a nível da universidade, de seus problemas. **Mutirão** simplesmente propõe, de novo, a abrir debate sobre o projeto alternativo de universidade para o Brasil. É de se perguntar: e estes anos todos? Não foram suficientes para que a vanguarda estudantil chegasse a algum projeto de universidade?

Novação: uma alternativa

Deixando de lado a porralouque do **Libelu** bem como a direita, através de sua chapa **Majoria** temos então somente a **Novação** com uma proposta clara e sintonizada com o momento de ascensão dos trabalhadores na cena política. E assim, em termos programáticos, capaz portanto de significar uma alternativa ao reformismo na sua reconquista do estudando. Claramente ao lado dos trabalhadores dentro e fora da universidade, no entanto, **Novação** tem difíceis chances de uma vitória para a direção da UNE, devido à sua pouca implantação nacional. Mas, no mínimo, seguramente, terá uma votação expressiva e promissora para, em futuras eleições, arrastar os estudantes bem como as tendências vacilantes mais para o lado daquilo que a história recente do movimento estudantil consolidara como rechaço ao reformismo.

Os votos para o DCE da USP

| | |
|------------------------|-------|
| Todo Mundo no DCE: | 2.641 |
| Sacode a Poeira: | 2.284 |
| Liberdade e Luta: | 1.653 |
| Novação: | 944 |
| Manifestação: | 216 |
| Política Independente: | 147 |
| Branco: | 1.111 |
| Nulos: | 533 |



O congresso das Químicas

Tomar um comprimido, botar um perfume, são gestos que não duram mais do que um minuto. Mas significam para Elza, trabalhadora da indústria química 8 ou mais horas de trabalho, 3 minutos apenas para tomar o lanche, um salário mínimo ao fim do mês, 400 cruzeiros de refeição no restaurante da empresa, 300 cruzeiros de creche para o filho de 6 meses.

As mulheres representam, segundo dados do DIEESE 48% da mão de obra na indústria farmacêutica, 46% na de perfumaria e 24% de produtos químicos. Mas por alguma estranha alquimia, o salário dos homens na indústria farmacêutica é 139% superior ao das mulheres, na perfumaria e na indústria química 28% mais.

Durante dois dias, 22 e 23 de setembro as químicas procuraram a fórmula mágica que explicasse esta desigualdade e as soluções para os muitos problemas que enfrentam no seu dia a dia na fábrica.

As denúncias se sucederam. Faltam luvas e máscaras para as que trabalham na embalagem e com produtos tóxicos, e nem mesmo o leite a que têm direito lhes é fornecido. Os períodos de descanso são negados, a comida nos refeitórios tem baratas e salitre no tempero, atrasos de um minuto fazem perder um dia de trabalho.

Quem faz remédios não tem direito à saúde

As mulheres denunciaram que as empresas não dispõem de médicos, os exames médicos de admissão tem caráter discriminatório, exames periódicos não existem, o atendimento dos médicos dos Convênios e do INAMPS é deficiente. Uma trabalhadora que se queixou de

rouquidão crônica recebeu o diagnóstico: "você fala demais".

Não é de se espantar. No próprio congresso, um preclaro médico, Dr. Mateus Antonio Miri Vieira, declarou diante das trabalhadoras que ganham na sua maioria salário mínimo que um dos fatores psicológicos causadores dos acidentes de trabalho é "o uso indiscriminado do salário, os abusos na caderneta do supermercado, o consumo supérfluo que supera o ordenado e causa angústia no trabalhador. A julgar pelos índices de acidentes de trabalho no Brasil, um dos mais altos do mundo, os trabalhadores e trabalhadoras brasileiras devem estar vivendo de caviar e champagne francesa.

Waldomiro puxa as orelhas

As químicas estavam dispostas a romper seu silêncio nas fábricas onde seus direitos são pisoteados. Silêncio no sindicato onde participam pouco e quando querem fazê-lo levam sermão e puxões de orelha do presidente Waldomiro Macedo. Faltou mobilização para o congresso porque as próprias mulheres nada decidiram sobre sua organização, temas ou formas de discussão. Ganham em troca presentes "femininos": sabonete, perfumes, esmalte de unhas e modess como proteção para os "dias difíceis" de quem todos os dias são difíceis.

Mas as 50 mulheres aprenderam a lição e formaram uma comissão permanente que reúne todas as interessadas, que estão dispostas "prá apontar, prá gritar se for preciso as discriminações a exploração e toda série de preconceitos e tabus que a gente sofre nas fábricas, nos escritórios nas ruas e pela vida afora".

nalistas sem emprego fixo, será discutido no próximo dia 2 de outubro, na sede do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo.

Bahia Mais ameaças no campo

O Piquetão já denunciou as ameaças que vem sofrendo o advogado Herbert dos Reis, defensor de posseiros no oeste baiano. E a boa terra continua em pânico: agora, é a vez da advogada Maria Angélica e da psicóloga Georgete Oliveira, que desenvolvem trabalho ligado à Pastoral da Terra da Diocese de Juazeiro, receberem ameaças de morte, feita sob a forma de bilhete, encontrado embaixo da porta da casa onde moram. Para a diocese, essas ameaças são obra de gente da extrema direita que, inclusive, já tentou intimidar os alunos da Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, por se reunirem para discutir os problemas da escola. A resposta dos estudantes foi imediata: entraram em greve, recebendo todo o apoio do Bispo Dom José Rodrigues, que celebrou missa no sábado passado, dia 22, seguida de passeata pela cidade.

Pelotas Greve dos padeiros

O exemplo para os padeiros paulistas, que já estão em campanha salarial (reivindicam os 50% de reajuste e piso de Cr\$ 6.104,00 recomendados pela Unidade Sindical) vem do sul. Desde quinta-feira, 20, os padeiros de Pelotas entraram em greve, exigindo um salário de Cr\$ 8.571,00 mais um quilo de pão diariamente e anotação correta nas carteiras profissionais. No começo, a greve era só para dar uma pressionada nos patrões: como eles não se coçassem, oferecendo uma mixaria, a moçada resolveu continuar.

Comentários PA Na trilha dos bancários

Depois dos bancários, são os comerciários de Porto Alegre que iniciam sua mobilização. Até agora já realizaram duas assembleias, a primeira para reivindicar 100 por cento de reajuste e a segunda para rejeitar a contra-proposta patronal, que é de 70 por cento, já apresentada à Justiça, inclusive. Agora, os do balcão se preparam para a assembleia do dia 28, sexta-feira, quando deverão discutir uma nova proposta patronal e que será entregue durante a audiência no Tribunal Regional do Trabalho, no mesmo dia, à tarde.

Patriotismo Proposta estranha

E bateu uma dose cavalari de patriotismo (e de muita coisa mais) na reunião do setor oeste dos metalúrgicos de São Paulo, com a participação de trabalhadores. Foi aprovado, por exemplo, que se proponha a decoração do cine Piratininga, onde será realizada a assembleia de domingo (ver matéria na página 9) com motivos verde-amarelos, para estimular o nacionalismo entre os trabalhadores. Além disso, recomendaram que o Joaquim ficasse com um microfone, com interruptor, para cortar a palavra de quem ultrapassasse o tempo regulamentar. E mais, que os oradores falassem do fosso do cine para evitar agitações. E para coroar: que no final, todos se dessem as mãos, cantando o hino nacional.

Professores Resoluções do encontro

Com um pouquinho de atraso, o Piquetão divulga a resolução dos Encontro Metropolitano dos professores, organizado pelo Movimento de Oposição Sindical do Sindicato de Professores de São Paulo (SINPRO), realizado no dia 16, domingo. Cerca de 100 professores, representando 50 escolas de São Paulo, Osasco, Mogi das Cruzes e do ABC compareceram à reunião. Foram aprovados os seguintes pontos: a formação de uma Comissão Pró-Campanha salarial, com função de encaminhar o trabalho por regiões e campanha de sindicalização, realização de uma concentração no Sinpro, no dia 18 de outubro, para exigir a convocação de uma assembleia Salarial, até o final de outubro e a formação de uma Comissão Salarial, convoke ou não, o sindicato, a assembleia exigida.

Além dessas propostas, foram aprovadas, a título indicativo, para discussão nas escolas, os seguintes eixos de luta: índice de 70 por cento de reajuste, piso salarial na base de hora-aula, de aproximadamente Cr\$ 200,00, hora-atividade na base de 20% do valor da hora-aula, estabilidade no emprego, luta contra as demissões, antecipação da data base da campanha salarial, etc.

Texteis SP 83% de reajuste

Os tecelões de São Paulo (cerca de 240 mil trabalhadores) estão esquentando os motores, preparando-se para a assembleia que a categoria vai realizar no próximo dia 7 de outubro. A diretoria sindical está encaminhando uma pauta de reivindicações que incorpora pontos propostos pela Unidade Sindical e pelas oposições. Por exemplo, propõe um reajuste de 83 por cento para todos, com um mínimo de Cr\$ 3 mil (ninguém pode receber menos que essa quantia a título de reajuste). Pedem também piso salarial de Cr\$ 6.104,00 e que deverá ser reajustado em maio de 1980, com o mesmo índice de reajuste do salário mínimo, reajustes trimestrais, de acor-

do com a elevação do custo de vida, salário de substituto e estabilidade no emprego após a experiência (90 dias). O sindicato, que reivindica antecipação da data base para 1º de novembro, quer, também a eleição, com estabilidade, de comissões de fábrica e delegados sindicais.

Médicos Continua a luta

Os médicos de São Paulo não descançam enquanto não colocarem um fim à fraude ocorrida nas eleições da Associação Médica Brasileira e Associação Paulista de Medicina. No dia 20, eles realizaram um ato público de protesto, no Instituto de Engenharia, exigindo a anulação das eleições que deram a vitória por apenas 5 votos - entre 10 mil - à chapa da situação (ver o Piquetão da semana passada). Além disso, eles o Movimento de Renovação Médica deverão adotar medidas jurídicas para impedir a posse da chapa pelega.

Levantamento Rio Conflitos de terra

A Federação dos Trabalhadores de Agricultura do Rio de Janeiro realizou um levantamento sobre conflitos de terras no Estado, principalmente nos municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Itaboraí e Itaguaí. Através da Confederação dos Trabalhadores de Agricultura, a Federação encaminhará os resultados ao INCRA pedindo a desapropriação das áreas, assentamento das famílias que trabalham nelas e a titulação definitiva das posses.

Moradores Importante reunião no Sul

Representantes de 40 associações de bairro da região metropolitana de Porto Alegre e do interior do Rio Grande do Sul, estiveram reunidos no domingo, dia 23, no encerramento da semana comunitária, comemorativa ao 20º aniversário da Federação Riograndense de Associações Comunitárias (FRACAB), discutindo os problemas dos bairros e vilas populares. Entre os temas tratados, o Piquetão destaca a discussão sobre o Pró-Morar, plano de construção de moradias para favelados, anuncia-

do pela prefeitura da capital gaúcha, a base de Cr\$ 60 mil por unidade. Os participantes do encontro, que não acreditam muito nos planos oficiais, fizeram algumas revelações estupefacentes: o número de malocas em PA cresceu de 3.968, em 1951 para 20.152, em 1972, abrigando 26.303 pessoas e 105.833, respectivamente. Atualmente, afirmam, a situação é bem pior, evidenciada pelas "explosões" que ocorrem semanalmente nas vilas em torno da posse da terra, da falta de água, transportes, saneamento básico e da especulação imobiliária que expulsa os moradores da periferia.

Outro ponto importante foi a proposta, aprovada, de que as associações de moradores e a própria FRACAB criem departamentos operários que, de maneira alguma devem ser visto como alternativa aos sindicatos e oposições. A finalidade, garantem, é apoiar e sustentar os movimentos grevistas nos locais de moradia. Os departamentos, que deveriam reunir os moradores por categorias profissionais, levantando seus problemas específicos e efetuando cursos sobre legislação trabalhista e sindical, já funcionam em caráter experimental em duas entidades: nas associações do Passo da Figueira, na localidade de Alvorada, e no Beco do Adelar, em Porto Alegre.

Bancários

Bradesco lidera demissões no RS

Mal terminou a greve dos bancários gaúchos e os banqueiros já demitiram 400 funcionários. E o BRADESCO, em nome de Deus, está querendo ficar com o título de campeão da represália. Sozinho já botou na rua 200, tanto quanto todos os outros bancos juntos. Mas, tudo indica que os bancários gaúchos não são lá de se intimidar com estas pressões. Continuam mobilizados e organizando a resposta aos patrões. A diretoria, deposta pelo ministro Macedo, está em franca atividade, funcionando lá na sede da Federação dos Bancários do Rio Grande do Sul. Como forma de enfrentar as demissões, entre outras coisas, foi aberta uma conta na Agência Central do Banco do Brasil, em Porto Alegre, para receber contribuições ao fundo de ajuda aos demitidos. A conta está em nome de Alberto Pavoni e/ou sob o n.º 21495/7. Trata-se de depósito de popular. Vamos lá, pessoal, todo apoio aos bancários!

Jornalistas Contra o machismo

Agora é a vez da mulher jornalista. Nesta semana - quarta, quinta e sexta, dias 26, 27 e 28 - será realizado o I Encontro da Mulher Jornalista, sempre às 20:30 hs, na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no estado de São Paulo, na Rua Rego Freitas, 530, sobrelója.

O temário dos debates está dividido pelos três dias do Encontro: no primeiro dia, a socióloga Fátima Jordão apresentará os resultados de uma pesquisa feita junto a 220 jornalistas profissionais sobre as condições de trabalho da mulher na imprensa. No segundo dia, o advogado do Sindicato, Walter Uzzo, apresentará uma síntese sobre os direitos da mulher na atual CLT, no novo anteprojeto do governo e no Código do Trabalho, proposto pelos sindicatos. E a suplente da diretoria executiva do Sindicato, Adélia Borges, falará sobre a participação da mulher jornalista na vida sindical. No dia do encerramento, a jornalista Joana Lopes mostrará um trabalho sobre "A Imagem da Mulher na Imprensa", para que se discuta sobre o que é veiculado sobre a mulher nos diversos órgãos de comunicação.

Já para adiantar os resultados da pesquisa coordenada pela psicóloga Raquel Moreno e pela socióloga Fátima Jordão, o texto de convocação para o Encontro, assinado pela Comissão Organizadora de 20 jornalistas, começa com uma afirmação taxativa: "A imprensa paulista é machista".

Bóias frias A sindicalização à vista

E já que estamos falando na "categoria", como diria o Jangada, enfim uma boa notícia: os "free-lancers" tem possibilidades de sindicalizar-se. O assunto, que interessa a centenas de jor-



A campanha dos metalúrgicos de São Paulo por um aumento de 83% está a todo vapor. Nela, a atuação da Oposição Sindical unida tem um papel decisivo imponham os interesses dos patrões à categoria. Colabore com a Oposição, enviando contribuições para ajudá-la sustentar esta luta.

REMETA QUALQUER QUANTIA EM DINHEIRO OU CHEQUE NOMINAL à EDITORA APARTE S/A, RUA Mateus Grau, 57 — Pinheiros — Cep 05415 — São Paulo — SP.



Comerciários: aumento para viver um pouco melhor

Greve geral em BH e Contagem: pode se alastrar

Pelego ganha no tapetão mas talvez não leve

"Boicotar as eleições convocadas" secretamente pelo pelego Manoel dos Santos, que preside o Sindicato dos Metalúrgicos de Salvador, é a tática de Oposição Sindical.

O pelego Manoel dos Santos convocou quase secretamente as eleições para o sindicato dos metalúrgicos de Salvador (marcadas para os dias 8, 9 e 10 de outubro) publicando os editais no Diário Oficial do Estado (que ninguém lê) e num obscuro jornal de Feira de Santana, no interior. A Oposição Sindical protestou, entrou com recurso na DRT que acabou dando ganho de causa a seu fiel servidor. Mas o tiro pode sair pela culatra: embora ganhando no "tapetão" o pelego está arriscado a não levar: a OS vai fazer campanha pelo boicote para impedir que haja o "quorum" exigido, forçando a convocação de novas eleições.

EM TEMPO ouviu a oposição Sindical baiana, que voltou a se organizar no ano passado, depois de haver sido desarticulada a partir de 1969 pela repressão. A OS, que inclusive, já marcou sua primeira assembleia pública para o dia sete de outubro, pretende retomar a tradição de luta desenvolvida no Centro Industrial de Aratu, nos idos de 67/69.

Combater a estrutura

Combater não apenas o pelego, mas a estrutura sindical é a principal tarefa da Oposição, dizem seus representantes. "O pelego entra como mais um instrumento dessa estrutura, representada por toda a burocracia e o emaranhado de leis que entravam a luta operária", afirmam. Da mesma forma, embora privilegiem o trabalho nas fábricas, a organização pela base, em comissões, acreditam que é importante a atuação e a ocupação do sindicato. "Há companheiros nas fábricas que negam o sindicato, lembram eles, porque o Sindicato é assistencialista e está a serviço do patrão. Mas nós achamos que tomando-o poderemos transformá-lo numa entidade autêntica, que poderá contribuir com a organização pela base".

Comissões

Mas advertem: "Não basta tomar o sindicato se não tivermos uma sustentação de base. No nosso

Os 60 mil metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem decidiram entrar em greve, na noite de terça-feira, 26. Dia 28, sexta-feira, é quase certo que o movimento se alastre a Betim. Em São Paulo, Osasco e Guarulhos, a campanha prossegue, com assembleias no fim de semana.

Na Bahia, o Oposição Sindical luta contra as manobras do pelego. Precedidos pelo Rio de Janeiro, os metalúrgicos voltam à cena, no segundo semestre.

Cândida Borges e Juarez Guimarães

Com passos largos, quase a correr, um piquete monstro de metalúrgicos não levou mais de 10 minutos para percorrer a distância de 1 quilômetro que separa a sub-sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Contagem e Belo Horizonte da maior fábrica da região, a Mannesmann (15 mil trabalhadores). Da mesma forma não foi difícil percorrer a distância entre a decisão dos 6 mil metalúrgicos que deflagram a greve à adesão total dos trabalhadores ao piquete no portão da entrada da fábrica.

O piquete visava encontrar com os 4 mil trabalhadores do turno das 22 horas, e o primeiro ônibus quando chegou aderiu ao movimento sem nenhuma resistência. Já se podia prever a paralisação da Mannesmann seria fácil. Dos inúmeros ônibus os metalúrgicos saltaram engrossando o piquete. Na Belo Mineira (4 mil trabalhadores) a paralisação também não encontrou resistência.

E a polícia não tardou a chegar. Na Mannesmann um ônibus e um caminhão, abarrotados de PMs, furaram o cerco do piquete rumo ao interior da fábrica. Segundo a Rádio Patrulha eles estavam "apenas fazendo uma inspeção no local". Não se registrou agressão aos grevistas.

Contra a parede

As negociações começaram há 10 dias, ocorrendo 6 reuniões entre a comissão salarial e os patrões. Praticamente nenhuma das 24 reivindicações dos trabalhadores foi atendida, ao contrário, o que se notou foi a intransigência patronal, quase mesmo negando a negociar, principalmente por parte da Mannesmann. "Eles nos colocaram na parede, não temos outra alternativa a não ser utilizar nossa arma: a greve". Assim os membros da comissão salarial entendem a intransigência patronal. As principais reivindicações dos metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem são: aumento de 80%, piso salarial de 8 mil, delegado sindical e creche em fábricas onde trabalham mais de 30 mulheres. Antes mesmo da assembleia que decidiu pela greve a paralisação já era coisa certa. Os trabalhadores portavam até faixas para os piquetes e quando o presidente do Sindicato, João Silveira, ao abrir a assembleia disse "companheiros, estamos aqui em mais uma assembleia"... a massa

gritava é a última! Greve! Greve! João Silveira ainda tentou colocar em votação a proposta de continuar as negociações e não partir para a paralisação. Mas todos decidiram pela greve.

Esta é a primeira greve geral dos metalúrgicos de Contagem e Belo Horizonte após 68.

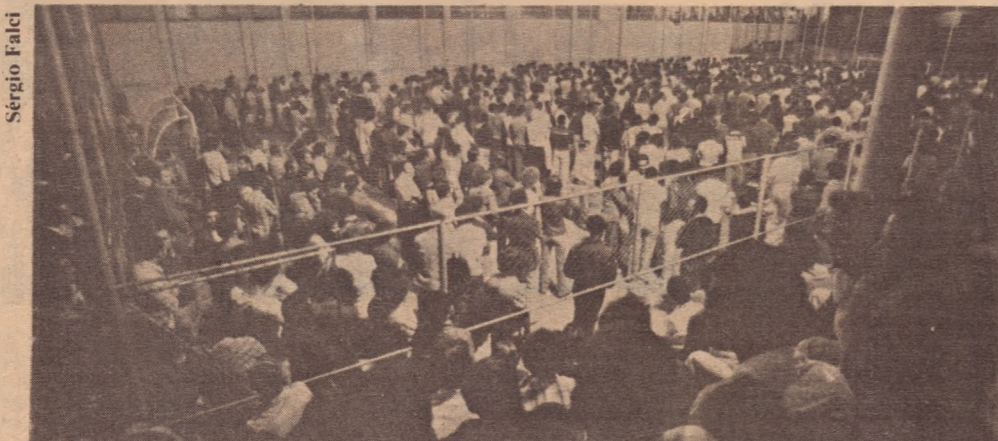
As diferenças com 68

Mais de 10 anos separam a paralisação dos 60 mil metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, iniciada nesta terça-feira, da histórica greve de outubro de 1968, cujo desenrolar foi um marco na conjuntura brasileira de então. Mas não há comparação possível entre o final daquela greve, duramente reprimida e que anunciava os longos e duros anos por que passaria o movimento operário, e esta, em que os operários retomam a passos largos a sua tradição de combatividade.

De lá para cá, o parque industrial de Belo Horizonte e Contagem não sofreu mudanças substanciais, exceto um certo crescimento do contingente metalúrgico na região e a implantação de novas e modernas fábricas na região chamada 5. Naquela época, como agora, o centro nevralgico da greve se concentra nas poderosas Mannesmann e Belo Mineira, que juntas contam com um terço dos operários metalúrgicos da região. E a paralisação destas empresas no primeiro dia de greve pode ser considerada, sem dúvida, como um bom presságio da afirmação do movimento.

Na verdade, essa paralisação geral vem custurar uma série de greves isoladas, que ocorreram neste ano, como a da Mannesmann, Macif, Toshiba e Nancy. Greves todas vitoriosas, que cumpriram o papel de revelar novas lideranças para o movimento e fazer crescer a confiança em suas forças.

Talvez seja esta a grande vantagem que os metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem partem para enfrentar esta dura prova com os patrões: a de, diferentemente das outras greves de que tem sido palco Minas Gerais, aliar a força da espontaneidade das bases à experiência de lideranças provadas em greves parciais e vitoriosas. Por isto mesmo, não seria gratuito prever que, a menos que uma forte repressão seja desencadeada sobre o movimento, ele tende a impor significativas conquistas à intransigência patronal.



BH e Contagem: a primeira greve geral depois de 68



Metalúrgicos de Betim: dispostos a seguir o bom exemplo

repressão internas (mais de 150 agentes do DOPS vestidos de macacões se infiltraram entre os operários da FIAT, ao mesmo tempo em que tropas de choque da PM cercavam as ruas internas). Para tanto, duas medidas foram cogitadas: a participação (já confirmada) de representantes do sindicalismo italiano, dispostos a denunciar internacionalmente qualquer desrespeito da FIAT às liberdades sindicais; em segundo lugar, organizar a greve por fora das fábricas, através de assembleias e piquetes.

Resistência patronal

Os líderes do movimento avaliam, também, as possibilidades de resistência patronal, amparada

num incremento do ritmo de trabalho nas fábricas e formação de estoques. A impressão é de que as maiores empresas estejam aptas a suportar uma paralisação de no mínimo 12 dias, o que leva à preocupação com a duração do movimento, que só poderá ser garantido com instrumentos eficientes, como a existência de um fundo de greve. Porém, a questão decisiva parece ser a da construção de organismos de base — comissões de fábrica ou por seções — capazes de manter um vínculo constante com os trabalhadores, precavendo-se contra as pressões das chefias intermediárias nas fábricas e as vacilações da diretoria do sindicato. E é sobre isso que os esforços das lideranças estão se concentrando.

de companheiros que participaram dos piquetes, se organizaram no sindicato e promoveram uma série de atividades para manter o movimento coeso e forte. Um outro saldo positivo foi a solidariedade dos mais diversos segmentos da sociedade, parlamentares, associações comunitárias, sindicatos das mais diversas categorias, uma solidariedade não apenas verbal mas que, na maioria dos casos, assumiu formas concretas de apoio material e respaldo político.

Dutra Derrotar a política salarial

ET — Quais os saldos políticos e organizativos depois de 15 dias de greve e que representaram a maior mobilização que a categoria já teve no País?

Olívio Dutra — Apesar de no plano econômico não ter sido bom, a greve deixou um saldo organizativo e político muito grande. A categoria deu uma mostra de seu vigor, recuperando a sua dignidade. Depois dessa, os banqueiros terão de ter um comportamento mais respeitoso em relação às nossas reivindicações. Não poderão mais ficar tanto tempo sem dar uma resposta, como aconteceu na última campanha salarial e como vem acontecendo nos últimos anos. Podemos apontar como saldos clássicos o surgimento de novas lideranças, por local de trabalho, a firmeza com que o movimento se conduziu, não obstante nossa prisão e dos demais companheiros do Comando de Greve. Também é saldo positivo as experiências obtidas por um número considerável

de companheiros que participaram dos piquetes, se organizaram no sindicato e promoveram uma série de atividades para manter o movimento coeso e forte. Um outro saldo positivo foi a solidariedade dos mais diversos segmentos da sociedade, parlamentares, associações comunitárias, sindicatos das mais diversas categorias, uma solidariedade não apenas verbal mas que, na maioria dos casos, assumiu formas concretas de apoio material e respaldo político.

O que não permitiu que recolhêssemos o saldo econômico foi a repressão violenta desde o início e até antes da greve, a intervenção no sindicato, a prisão de lideranças e a ameaça constante sobre aqueles que tiveram coragem suficiente em continuar o movimento.

Uma coisa que nós já percebemos visitando os locais de trabalho é que o moral e ânimo da categoria continua alto, a disposição de luta continua acesa, considerando a greve uma experiência fundamental em sua vida de assalariados. Não houve desmantelamento da articulação da categoria, mas sim um recuo, que ainda temos que avaliar junto com os outros companheiros, retirar as lições e dar continuidade à luta porque ela ainda não acabou.

ET — Como você avalia a atuação da Intersindical e a vida de sindicalistas de outros Estados, como o Lula?

Olívio Dutra — A presença da inter-sindical, regional e nacional, deu maior repercussão ao movimento e foi também uma clara demonstração de que os trabalhadores devem estar juntos nesses momentos sempre que se reivindicam melhores salários e condições de trabalho. Essa união, que assegura a força dos movimentos reivindicatórios, faz com que cada trabalhador perceba que a luta dos bancários não é diferente daquela levada pelos metalúrgicos, do pessoal do vestuário, do couro, dos jornalistas, médicos, etc. A presença da intersindical mostra que nossa luta não é meramente econômica, mas contém a possibilidade de termos uma articulação melhor a nível regional e nacional entre todas as categorias de trabalhadores, que

convirja para uma Central Única dos Trabalhadores. A ação repressiva do governo e dos patrões nos apontam que nossa unidade é a condição fundamental de obtermos vitórias em nosso movimento. A intervenção no nosso sindicato tem o mesmo caráter político das intervenções no ABCD paulista e em tantos outros sindicatos no país. E a luta pela derrubada da estrutura sindical vigente é uma luta comum de todos os trabalhadores.

Uma outra questão que a presença da intersindical evidencia é que a política salarial do governo, causa imediata do sofrimento de todos os assalariados, precisa ser derrubada pelo conjunto dos trabalhadores. Mostra também que os trabalhadores, em cima de suas lutas concretas, tem que tomar posições nas grandes questões nacionais, discuti-las e apresentar suas propostas e soluções. Isso porque ficou claro que o que está atrás dos acontecimentos de nossa campanha e de todas as outras é o poder político, é a estrutura mesma da sociedade. E nós trabalhadores, que somos a maioria, temos o dever e o direito de articularmos-nos lutando no sentido de uma sociedade mais justa, sem explorados e exploradores.

ET — As prisões e intervenções nos sindicatos nos mostram que o espaço sindical hoje é muito pequeno e que o regime ao não permitir o livre desenvolvimento das lutas econômicas politiza essas lutas e a própria atividade sindical...

Olívio Dutra — Exato. O tipo de atitude do governo aumenta a consciência política dos trabalhadores. Fica mais evidente que enquanto não tivermos nossa própria organização política, uma partido que não seja meramente eleitoral, mas que seja profundamente enraizado na luta dos trabalhadores, não avançaremos muito em nossos movimentos. Hoje dependemos de organizações que não tem esse tipo de relação com a classe trabalhadora, embora tenham as melhores intenções de interpretar os seus anseios. Mas o fato de não surgirem do próprio meio assalariado, de suas direções não serem hegemônicas pelos trabalhadores, faz com que esses organismos não tenham condições de fortalecer o movimento, dando-lhe respaldo político.



Ânimo de combate em Betim

A greve ronda Betim, MG. Os 18 mil metalúrgicos da região poderão declará-la na sexta, 28, durante a assembleia geral em que discutirão a proposta patronal, definida como "última palavra nas negociações" (reajuste de 13% além do índice oficial, abono de 10% em janeiro), já rechaçada por unanimidade pelos cinco mil trabalhadores presentes à assembleia do sábado, 22.

Em segundo lugar, a disposição dos trabalhadores em ir à greve já foi evidenciada com duas paralisações espontâneas promovidas pelos operários da maior empresa da região, a Fiat-Automóveis (10 mil empregados). Além disso, mais de mil operários pararam, no dia 22, os ônibus que transportavam os trabalhadores para a fábrica, permitindo que comparecessem à assembleia.

Com os ânimos acirrados, foi muito difícil evitar a precipitação do movimento para a segunda, 24, data considerada inoportuna já que os pagamentos ainda não haviam saído nas principais fábricas. Com esses dados ficou praticamente demonstrada a inevitabilidade da greve e a necessidade, de parte da direção, de preparar suficientemente a categoria.

As lições para derrotar o patrão

Os operários de Betim guardam bem claras as lições do ano passado, quando decretaram sua primeira greve, depois de anos, no dia 23 de outubro.

Sem o apoio do sindicato, enfrentando a repressão policial, o movimento terminou sem vitória, após resistir uma semana. Daí a necessidade de superar os pontos fracos do ano passado, a começar pela data de deflagração da greve, que em 1978 ocorreu 7 dias antes do pagamento na FIAT, deixando em situação difícil os trabalhadores. Desde então, os patrões passaram a escalar os pagamentos por fábrica, em dias diferentes. Por isso, a comissão salarial chegou à conclusão que o melhor dia para a deflagração de nova greve seria no dia 28, quando os 1800 operários da FMB recebem seus salários e três dias após o adiantamento concedido pela FIAT.

Por outro lado, os metalúrgicos tentam impedir que a greve seja organizada dentro da fábrica, como no ano passado, sujeitando-se novamente à pressão e



Tiago Sabor de empate na volta

Se do ponto de vista econômico as greves que os bancários e metalúrgicos cariocas e bancários gaúchos deflagraram quase simultaneamente foram derrotadas, o mesmo não se pode dizer sob o ângulo organizativo e político. É o que afirmam os depoimentos de Olívio Dutra (bancários de Porto Alegre), Tiago (chapa 2 nas eleições dos bancários do Rio) e representantes das áreas Naval e Avenida Brasil, dos metalúrgicos.

"A nossa greve foi uma vitória política em relação aos banqueiros, que a partir de agora vão negociar conosco de forma diferente. Durante as negociações eles acreditaram que a categoria não teria condições de parar nem 50% dos bancários do Rio e no primeiro dia nós atingimos uma média de 80% de paralisação, o que significa uma média de 45 a 50 mil parados, dos 65 mil que integram a categoria.

Porém, essa vitória política vem acompanhada de uma derrota econômica, porque não conseguimos nada a nível salarial. E essa vitória política tem que ser acompanhada de um saldo organizativo. A disposição da categoria de continuar a luta está muito boa. Esse é o saldo político da greve.

Temos que tentar manter toda a organização conseguida durante a greve, da zonais, das comissões de banco, para lutar pela continuidade da campanha salarial. Devemos lutar contra a intervenção no sindicato e pela volta da diretoria cassada, lutar contra as demissões e contra as ameaças de prisão. E juntos essa luta à luta maior que é a luta contra a Lei de Segurança Nacional, que vem mostrando mais claramente o que significa a democracia que o governo está oferecendo.

A gente teve que recuar numa greve onde a categoria, a massa, continuava mobilizada. Nossa avaliação é de que a repressão policial foi o que levou ao fim da greve e não exatamente a desmobilização da categoria ou a derrota do movimento grevista. O Comando se desarticulou, principalmente pelo isolamento político e sindical. A gente tentou contactar todas as entidades democráticas no sentido de ceder

um local para as assembleias, já que o sindicato tinha sofrido intervenção. Procuramos também a Intersindical e outros sindicatos e só obtivemos negativas. O MDB, mesmo aqueles deputados mais combativos, como Edson Khair, Valter Silva, Chico Amaral e outros, não conseguiram abrir a Assembleia Legislativa para nós, o que aconteceu no ano passado, quando foi aberto o plenário da assembleia para os bancários.

A direção da greve não teve assim condições de continuar com ela, e o fim da greve foi decidido numa assembleia que eu acredito que tenha sido uma assembleia muito madura, onde a categoria tinha ainda ânimo para gritar "a luta continua" e outras palavras de ordem, embora tivesse consciência de que tinha que parar porque não dava para continuar. Existe um sabor de empate, que só realmente se transformará em vitória se a gente conseguir organizar os seus saldos, a grande massa de bancários que apareceu, que piqueteou, que lutou e que se mantém disposta a lutar por isso. Um dos erros fundamentais da campanha, já no seu início, tanto nós aqui do Rio como os companheiros de São Paulo, Minas e Porto Alegre, que são os sindicatos mais combativos, já viamos e falávamos nas nossas assembleias da necessidade de unidade dos bancários, pelo menos nos 4 Estados, tentar se estender a nível nacional, a medida que os bancos são instituições e são empresas nacionais e de que só assim a gente conseguiria espremer efetivamente os banqueiros na parede.

Com todo o falatório que a gente fez em todos os Estados neste sentido, eu acho que essa é a primeira grande autoconsciência que a gente tem que fazer. A gente não conseguiu articular este movimento a nível nacional. E ficou provado também que, não só para os bancários mas para os trabalhadores de modo geral a medida que o governo começa, com a mudança da política salarial e com aplicação mais arrochada da própria LSN, a partir da aprovação inicial de seu projeto de conciliação e com a oscilação de alguns setores, inclusive da oposição, o governo começa a reprimir mais fortemente o movimento grevista.

Por esse motivo, tem que se efetivar não de maneira formal, mas de maneira prática, uma unidade sindical, o embrião de uma Central Única dos trabalhado-

res, mas também a nível regional, as intersindicais se preocuparem muito mais com o encaminhamento concreto das lutas dos trabalhadores e não com o interesse desse ou daquele dirigente sindical ou categoria profissional. Eu acho que este sentimento e essa prática intersindical, ou intertrabalhadores, no caso de bancários a nível nacional, ela tem que se efetivar muito mais para que o movimento operário e o movimento bancário particularmente consiga, nas próximas campanhas salariais, combater todos os empícheios que ele tem pela frente e que não são poucos. As greves demonstram isso".

caso, achamos que já possuímos um mínimo de organização que nos permitirá dirigir o sindicato. Não é preciso ter toda a categoria organizada, é verdade. Mas também é certo que não poderemos levar as lutas somente com o resultado do movimento e hoje, as que existem atendem às exigências concreta das lutas.". A tendência é que se ampliem quantitativa e intensificando as lutas e aumentando sua representatividade".

Para a OS, embora atualmente as comissões não sejam eleitas e consideradas legais, são legítimas, pois seus membros possuem representatividade nas fábricas. O que não quer dizer que não devam lutar pela sua legalização e pela estabilidade para seus componentes, que passarão a ser eleitos livre e publicamente pelos trabalhadores.

Unidade sindical e popular

A OS baiana está preocupada com a unidade sindical que, segundo ela, "seja com quem for, só se dá em cima de propostas concretas". Se o pelego assumir algumas bandeiras, não podemos "chutá-lo", embora tenhamos que ficar de olho bem aberto.

porque senão ele acaba capitalizando os resultados". Segundo o mesmo raciocínio, é necessário tomar cuidado com o "novo sindicalismo". Para eles, algumas das lideranças autênticas não passariam de "lobos vestidos de cordeiros" que às vezes "parecem sindicalistas autênticos mas não passam de pelegos".

A unidade que preconizam, deve ser mais ampla, abrangendo outros setores sociais, como forma de "fazer avançar a luta dos trabalhadores como um todo, priorizando aqueles setores que se identificam com nossos anseios, com os quais não tenhamos antagonismo de classe".

Programa

A busca de uma atuação mais coletiva, que dilua as lideranças individuais é uma posição firmada pela OS, cujo programa coincide com o apreendido pelas Oposições Sindicais do Sul do País. Luta pelo direito de greve, negociação direta, desatrelamento sindical, anistia irrestrita, formação de comissões de fábrica, liberdade de organização, manifestação e expressão, contra a discriminação sexual e racial, são algumas de suas reivindicações.

SP: assembleias esquentam a campanha

A campanha dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos poderá ganhar um novo impulso neste fim de semana, quando os três sindicatos da categoria realizarem suas assembleias (Guarulhos na sexta, 28, São Paulo e Osasco, no domingo, 30). Até lá, os trabalhadores terão os primeiros resultados das negociações com os patrões reunidos no grupo 14, da Federação das Indústrias (FIESP), iniciadas na segunda, 23 e, que prosseguiram na quarta-feira, 26.

Além disso, há 15 dias das assembleias em que foram decididas as pautas de reivindicações - já entregues aos empresários - os trabalhadores terão condições de uma primeira avaliação do desenvolvimento da campanha e do ânimo das bases, bem como seu grau de organização. Ao mesmo tempo, já poderá ser medida a atuação dos comandos regionais de mobilização (no caso de São Paulo, a cidade foi dividida em quatro grandes regiões - Norte, Sul, Leste, Oeste) e verificado o empenho das direções sindicais.

Organizar o apoio

No caso de Guarulhos, onde após uma tumultuada assembleia o pelego Emanoel Neri conseguiu aprovar a proposta da unidade sindical (50 por cento, com um mínimo de Cr\$ 3 mil e piso salarial de Cr\$ 6.104,00) deverá ocorrer uma revisão: o próprio pelego já declarou que vai encaminhar favoravelmente ao índice de 83 por cento e piso de Cr\$ 7.200,00 já aprovados em Osasco e na capital.

A Oposição Sindical de São Paulo está decidida a

assumir a frente da luta, impedindo que novamente o pelego Joaquim Andrade consiga, à última hora - como ocorreu em 1978 - segurar o movimento. Panfletagens diárias na porta das fábricas (na Zona Sul, por exemplo, todas as fábricas importantes como Villares, MWM, Masey Ferguson já foram atingidas, ao mesmo tempo em que se realizaram, à noite, reuniões com grupos de trabalhadores de cada empresa), reuniões nos bairros e nas regionais fazem parte desse trabalho.

Além disso, a OS está encaminhando concretamente a obtenção de apoio do movimento popular. No sábado, 22, foi realizada uma reunião no convento do Carmo (rua Martiniano de Carvalho, 114 - ao lado do Colégio Equipe) com a participação de representantes de pastorais operárias, grupos de bairro, entidades estudantis, clubes de mães, estudantes, CBA e imprensa alternativa para articulação dessa colaboração. A atuação dessas entidades se dará, fundamentalmente, em dois níveis: coleta de fundos e divulgação da campanha, mediante a formação de duas grandes comissões (nos bairros essas comissões atuarão conjuntamente), buscando ao mesmo tempo unificar a campanha dos metalúrgicos com as lutas locais (movimento de favelados, por creches, etc.).

No sábado, 29, véspera da assembleia da categoria (marcada para o cine Piratininga) está prevista nova reunião dos grupos de apoio, no mesmo local, às 15 horas, quando serão definitivamente estruturadas as comissões e distribuídas as tarefas a serem executadas.

Operários da Naval/Brasil Rio: Uma vitória política

Para os metalúrgicos cariocas, o reajuste de 75 por cento, embora seja o maior já conquistado pela categoria em todo o País, pode ser considerado insuficiente e uma derrota - se comparado com as necessidades dos trabalhadores. Entretanto, eles consideram que do ponto de vista organizativo, ao mobilizarem um número importante de trabalhadores, que elevaram seu nível de consciência no processo, a greve foi uma vitória.

Eles se ressentiram da falta de organização e de um apoio das demais categorias. Os sindicatos não ajudaram a divulgar a greve, vendendo poucos bônus. Inclusive, já se nota duas vertentes no sindicalismo carioca: uma que é de apoio à greve (formada pelos alinhados com o PT) e outra que é contra, que acha que não é o momento (o resto, anti-PT).

Na mesma linha, eles não pouparam críticas à diretoria de seu próprio sindicato, presidida por Osvaldo Pimentel, por tentar frear a todo o momento a mobilização, por suas manobras e falta de atenção e assistência aos piquetes e aos metalúrgicos presos, garantindo, enfim, aos patrões durante as negociações que os trabalhadores acabariam aceitando os 75%. Essa avaliação requer, consequentemente, uma autocrítica daqueles que apoiaram a direção sindical, que já traiu por seis vezes a categoria.

Faltou organização

Os metalúrgicos cariocas acreditam que por mais honesta que seja uma diretoria, ela se vê limitada pela própria estrutura sindical, que nessa greve ficou comprometida: "nós rachamos a estrutura sindical, dizem os operários". O concreto está rachado, em uma fenda e é por aí que devemos trabalhar". Dessa forma, acreditam, estão lançadas as bases de um novo sindicalismo, embora reconheçam que a posi-

ção sindical não conseguiu formar uma estrutura independente de sustentação da greve, independente do sindicato.

Um erro inicial afirmam, foi o de não terem esclarecido suficientemente as bases de que os 83 por cento dificilmente seriam conseguidos, evitando com isso, a sensação de frustração que sempre decorre ao se obter um ínfimo menor que o esperado.

Além disso, a falta de um melhor esquema de comunicações formado pela comissão salarial acabou pesando decisivamente contra a continuidade do movimento. A falta de boletins que mantivessem os grevistas constantemente informados, fez com que muitos voltassem ao trabalho, baseados nas informações mentirosas da grande imprensa. Os piquetes também se ressentiram dessa falta, ficando muitas vezes isolados e sem orientação.

Esses fatores fizeram com que o movimento se esvasiasse. Daí considerarem justa a posição de suspensão da greve, na segunda-feira, 17.

Os trabalhadores denunciam, ainda as perseguições, desencadeadas nas fábricas: além das pressões, dizem, "os patrões começam a forçar para que os pedes trabalhem mais e aumentem a produtividade. Para alguns, visando demiti-los, são dadas tarefas acima de suas possibilidades. Como não conseguem cumprir-las nem recebem advertências, até serem dispensados por justa causa". Em muitas fábricas, inclusive, estão terminantemente proibidas as reuniões com mais de três pessoas.

Uma coisa, além da verdadeira face dos patrões, ficou clara para os trabalhadores: o papel do Estado, sempre ao lado do capital. A repressão policial desencadeada contra os grevistas deixou uma clara consciência disso.

Resistir aos patrões

Agora, cabe aos trabalhadores não se deixarem abater. Deve-se voltar para as fábricas, organizar-se e discutir com as bases, garantindo-se as conquistas organizativas já alcançadas, como as comissões de fábrica e os delegados sindicais que deverão ser eleitos pelos trabalhadores. Finalmente, a tarefa mais urgente é a organização de infra-estrutura nas áreas fabris, como forma de preparar as mobilizações futuras.

O estilo de Brizola

Uma análise semântica dos discursos de Leonel Brizola, e de como ele veio, viu, mas ainda não levou.

Adilson Giteli

O estilo é o homem". Se o pressuposto de Buffon corresponder à realidade, o sr. Leonel Brizola que se cuida. Seu discurso está tão escoreito e respeitável que já não se sabe mais onde começa São Borja e onde termina Brasília. As últimas declarações do líder do P.T.B. parecem voltadas para funcionarem como descaracterizadoras da velha imagem incendiária, radical. Nada temos, pelo menos no âmbito deste texto, contra o fato do homem querer evitar a ampliação da fogueira, ou não comprometer o tão discutido projeto distensionista, ou ainda, agir de sorte a não parecer um ingrato provocador. Isto tudo é uma questão política, e de política: é uma estratégia que será absorvida ou rejeitada pelo corpo da sociedade brasileira. O fato do ex-governador do Rio Grande do Sul jogar, neste momento, um determinado tipo de cartada é fato que só futuros desdobramentos dirão da correção ou não, merecendo, portanto, um tipo de análise que não é nosso objetivo neste momento.

Final, sendo nosso objetivo o discurso do sr. Leonel Brizola, o que é que nele nos incomoda? Quase tudo: o falseamento de certos enunciados, as mutilações semânticas, enfiar em determinadas palavras sentidos que elas não comportam; para ficarmos em apenas alguns pontos críticos do discurso brizolista. Indicar gato por lebre e válido quando se trata de uma retórica mistificadora, que visa alheiar os ouvintes, ou leitores, dos problemas fundamentais. Uma das técnicas persuasivas mais eficientes é designar o contingente pelo aparente: vide lâmina por gilete, cerveja por Brahma. Mas, o que o sr. Leonel Brizola tem com tudo isto? Muito. Ele anda esticando as possibilidades significativas de certas palavras a níveis verdadeiramente insustentáveis. Vejamos.

A palavra «radical»

Radical. (Radic(i) + al) Aquilo sem o que as coisas perdem suas propriedades essenciais. Em gramática, por exemplo, o radical é considerado a parte imutável da palavra, logo, seu caracterizador. Marx, que antes de 1964 parecia comandar a formação do grupo dos onze, — pelo menos dentro da ótica dos iluminados da reação que, no mais, confundiam Cuba e Cubismo — ensinava que ser radical é ir à raiz das coisas. O que parece, portanto, é existir a mais estrita relação entre erradicação de males e, redundantemente, radicalidade. (Qualquer alusão a radicalismo será má vontade, visto entendermos este comportamento como esquizofrênico, desmerecedor de maiores considerações) Exatamente por ter sido considerado "um radical" o sr. Leonel Brizola conheceu, com tantos outros brasileiros, o absurdo do exílio, Montevideu, Nova York, Lisboa. Uma longa e dura peregrinação, uma das experiências mais brutais que se pode colocar a um homem. Mas, será que as solitárias noites de reflexão, a idade, o ciso, a conjuntura brasileira, teriam reconfigurado o sr. Leonel Brizola, ou apenas o seu estilo? O sobretudo pesado, os cabelos num discreto desali-

nhu, a fala extremamente preocupada em não percorrer os tortuosos e labirínticos temas do passado, seriam apenas o resultado da convivência com os experimentados alfaiates da política européia, a contingência de uma nova realidade histórica, o rompimento com o velho estilo, mas e se este for o homem, como piamente acreditava Buffon?

Uma coisa é certa. Brizola está bastante ocioso de sua nova posição e não tem poupado esforços no sentido de redefinir sua retórica, sepultando termos incômodos, palavras que nos ouvimos dos atuais guardas do trânsito do poder pudessem soar como instigação. Troca a velha ardência juvenil pela sobriedade dos meios tons, daquilo que enfatizando o secundário parece tocar no fundamental. "Figueiredo atende a muitos anseios do povo". Será? Quais são esses anseios? o direito de greve, melhores condições de vida e trabalho, escola pública em todos os níveis, assistência médica digna; é verdade que Figueiredo atende a estes anseios? Ou estaria o sr. Leonel Brizola dando às palavras "anseios" e "povo" notações que elas não possuem? Buscar-me uma adequação do registro linguístico é coisa natural, o problema está em se alongar ou estreitar tanto o sentido de certas palavras que, ao final, estão elas desfiguradas e produzindo significações que não lhe eram de origem.

Brizola já não é mais um radical. Ele amadureceu, o país mudou, o momento é outro. Resta saber para quem, pois com o saco de gatos em que está a economia brasileira, a fome aumentou, os contingentes marginalizados do leite, da carne, crescem em ritmo galopante. É isto não tem deixado de provocar espanto até em cavalheiros de fino trato, como o dono do Banco Itaú e ex-prefeito de São Paulo, Olavo Setúbal, para quem é preciso disciplinar o "capitalismo selvagem".

Sejamos honestos. Brizola tem se revelado sensível e preocupado com tudo isto. Tanto é que um dos pontos constantemente reiterados por ele é o relativo às camadas periféricas, aos deserdados de toda sorte, às crianças carentes, por quem, segundo nos informou Brizola em entrevista ao programa Abertura, o P.T.B. deve lutar, assistindo-as desde o nascimento, preparando-as para a vida. O objetivo é nobre, convenhamos, ninguém pode desdenhá-lo, só que veja lá, sr. Brizola, o que se há de fazer com estes "corpore sanos". A história, neste caso, está recoberta de fina ironia: para quem até alguns anos era considerado um comedor de criancinhas, passar de antropófago para puericultor representa um salto de enteneceadora qualidade.

Mas, se a imagem e o verbo de radical aplicado, no passado, a Brizola, tem-lhe custado um esforço contrário que implica uma verdadeira ginástica linguística mental, vejamos como tem ele entendido e usado a palavra ditadura.

Ditadura e autoritarismo

A expressão latina não deixa margens a dúvidas. A realidade moderna também não. O termo implica supressão das liberdades individuais, poderes restritos a um grupo de pessoas, torturas e assassinatos de oponentes políticos, cassação de servidores públicos, exílio, falseamento de índices inflacionários, negociações realizadas sob o manto protetor dos atos discricionários, censura, etc. Grave mesmo é querer reduzir tudo isto à expressão autoritarismo. O resultado deste encolhimento terminológico produz, no plano imediato, a ampliação de áreas de simpatia, reduzindo, consequentemente, "áreas de tensão". Autoritarismo está contido em ditadura. O contrário, se bem que não seja incorreto, resulta falso, amesquinizador, restrito. Enfim, caro leitor, jogo semântico é jogo semântico. A social democracia alemã, não é ditadura mas é autoritária. Por outro lado, os srs. Finochet, Videla, Stroessner, generalizam regimes ditatoriais, portanto, autoritários. Não podemos chamar a estes últimos de regimes autoritários, pois, estaríamos escondendo deles a face mais

odiosa e caracterizadora: antes de qualquer outro designativo eles são DITADURAS. No caso alemão, ao menos que saibamos, não há tortura sistemática, desaparecimento de prisioneiros políticos, impedimento de vida sindical afeita aos interesses dos trabalhadores, etc. Já quanto aos nossos vizinhos, existe, inclusive, para não nos delongarmos muito, artigo constitucional garantindo que quem desapareceu nas cadeias não volta mais; Kafka se dobra ante mais este engenho argentino. É possível, portanto, sabermos até onde vai o autoritarismo e onde este se dissolve em algo mais geral que é a ditadura.

Para fugir à violência da censura, a terminologia linguística portuguesa se viu na contingência de enriquecer e usar desmesuradamente a expressão autoritarismo. Nos jornais, nas salas de aula, o termo andou em voga muito mais por força de convencimentos externos do que por desejo de seus utilizadores. A palavra ditadura aparecia isoladamente nos muros da cidade, em banheiros públicos ou em veículos de publicação clandestina. Hoje, contudo, quando por uma série de fatores a sociedade brasileira consegue ampliar seu espaço de discussão e participação, causa estranheza que Brizola prossiga caracterizando os "erros dos últimos quinze anos de regime autoritário" — este detalhe não passou em brancas nuvens pela diligente revista *Veja*, que percebeu ter Leonel Brizola evitado "usar a palavra ditadura", "hábito que cultivava desde Nova York". Será que no afã de se mostrar mais como bombeiro que como incendiário estaria o ex-governador do Rio Grande do Sul minimizando, mascarando aquilo que soa rude e cristalino: os últimos quinze anos de ditadura militar? Talvez. Se o faz peça gravemente, não contra a morfologia, mas contra a História. Pois, se para alguns ditadura possa até parecer adjetivo, para outros ela teve a força e a virulência de substantivo concreto: o exílio, o pau de arara, a cadeira de dragão que o digam. Claro que tudo isto, sendo um problema de enfoque da realidade, pode acabar se travestindo em questão de estilo: pior para ambos.

Bertold Brecht, o dramaturgo alemão tão avesso à linguagem mistificadora, escreveu um memorável ensaio quais eram as maneiras de se dizer a verdade, como certos termos ao serem enfraquecidos por correlatos acabavam por modificar os sentidos do que originalmente se queria designar. Com a palavra ditadura é assim, não há perdão. Querer esgotá-la em autoritarismo é insuficiente mentiroso. Dizendo muito pode-se não estar indicando nada.

A formulação do discurso Brizolista está, portanto, muito clara: desaquecer o radical, vacilar quanto ao caráter do estado, são apenas dois dos múltiplos aspectos em que se nota a redefinição estilística daquele que já foi o "mimigo público n.º 1 da ditadura. Agora, se Buffon tiver razão, em breve teremos um elegante senhor falando a favor dos marginalizados, das greves, da fome, sem, contudo, tocar nos geradores últimos destes problemas. Porisso, pau na semântica de São Borja.



e depois

Teatro Caixa de Cimento

A avant-première "ameaçada" de ser aberta gratuitamente aos trabalhadores no 7 de setembro. O anúncio de um debate sobre a família, visando levantar subsídios para o espetáculo, dois dias antes da estréia (!!!). Com tudo isto, já dava para desconfiar de **Caixa de Cimento** que enfim o Teatro Ruth Escobar "lança" nos palcos paulistas. Lastimável o texto de Carlos Henrique Escobar — 2.º lugar no Concurso de Dramaturgia de 1977 do S.N.T. — uma corruptela paupérrima de **Mãe Coragem**, entremeadada de alguns lances tortos de "Mãe Carrar" (pobre Bertold Brecht), conjunto este aureolado por um discurso metafísico e metafórico dos mais estonteantes. Uma família perdida no espaço e no tempo, sob a guarda de uma mãe possessiva (é claro), que entre uma crise e outra, faz e desfaz de seus filhos (o porque fica por conta do poder de decifração de cada um). **Os poderosos** — velha presença óbvia e obrigatória — em seus estereótipos mais conhecidos, revezam-se no papel de líderes populistas, chefes militares e torturadores, num dá e toma, prende e mente, mente e tortura, tortura e mata, de fazer inveja à mais triste realidade latino-americana.

A mise-en-scène de Juan Uviedo (diretor que, pelo que consta, já passou pelo conhecido **La Mamma de N. York**), merece atenção especial. Não somos contra a importação de diretores estrangeiros — Vitor Garcia, por exemplo, com o seu **Cemitério de Automóveis** e com **O Balcão** trouxe contribuições definitivas para a estética teatral brasileira; soube perceber o grau de amadurecimento de nosso teatro e lançou a bola pra frente. Nos opomos, porém, à visões colonialistas de pseudo-talentos alienígenas que, subestimando o nosso gosto estético e a nossa capacidade de compreensão e discernimento, nos impingem uma parafernália de momentos do **dejá vu**, caoticamente agrupados — não é todo mundo que já viu o grupo americano Bread and Puppet, vanguarda do teatro americano, mas não é difícil entrever a cópia assaz imprópria dos bonecos de Peter Schuman, o diretor da troupe vazios de significados, sem nenhum sentido nem para o texto, nem para o palco. Nós, pobres mortais brasileiros somos desinformados, certo, mas ainda não perdemos o senso. E sentimos-nos lesados com a tentativa de imposição de cópias canhestras, que querem se fazer passar por explosões de criatividade. A única coisa a se lamentar é o talento do genógrafo Naum Alves de Souza, estar sendo jogado na **Caixa de Cimento**. Basta com as apologias do nada. Nota zero. Ou melhor, menos dez. (Sonia Goldfelder)



Dando mais uma evidente demonstração do que vem a ser a democracia que pretende implantar no país, o governo apreendeu, no último dia 31 de Agosto, 66 cópias de filmes da **DINAFILME** — Distribuidora Nacional de Filmes para cineclubes. Pressionado de todas as formas (cerca de 80 entidades de todo o país divulgaram notas exigindo a devolução dos filmes) o regime usa de um último e cínico argumento para sua ação repressiva. Em audiência com o Chefe da Divisão de Censura de SP, os representantes dos cineclubes ouviram a afirmação de que "a Dinafilme e a Federação Paulista são entidades fantasmagoras, não existem. Portanto, não podem alugar filmes". A verdade é que a Dinafilme, além de regularmente constituída, vem se tornando um componente importante do espaço cultural brasileiro. Para os produtores e realizadores de cinema, principalmente aqueles que não querem se submeter à es-

trutura da Embrafilme, a Dinafilme representa cada vez mais um instrumento para divulgação de seus filmes. Para os cineclubes a DINA representa uma garantia de sobrevivência pois, cobrando apenas uma taxa de manutenção, ela fornece filmes a cineclubes de todo o país. As outras opções são a Embrafilme e as grandes firmas estrangeiras. A primeira apenas distribui filmes em 16mm (próprios para cineclubes) quando estes já percorreram várias vezes o circuito comercial. Quanto às estrangeiras, além de boicotarem os cineclubes de todas as formas (inclusive recorrendo para isto à ajuda da censura) aumentaram recentemente o preço dos aluguéis em cerca de 2.000%, numa estranha coincidência com a ação da censura. Mas o papel da dinafilme vai mais além. Um exemplo disto é o filme **A greve**, de João Batista de Andrade, produzido e distribuído pela Dinafilme. Ele retrata em imagens vivas, as jornadas de abril e maio dos metalúrgicos do ABC paulista, sendo uma vigorosa denúncia da opressão e da exploração exercida sobre quem já foi chamado, pelo governo, como "a elite" dos operários. Exibido em Sindicatos, Associações de Bairro e Escolas ele possibilita uma reflexão e debate pelos seus maiores interessados. O que, obviamente, não interessa o governo, tão cioso em recomendar na televisão a volta ao trabalho tão logo surge o fantasma de uma greve. Pois, assim como no caso da Dinafilme, o governo na verdade, vê que fantasmas assim, tão concretos e atuantes, são perigosos demais para viverem soltos por aí...

(Sucursal de Minas Gerais)



Agostinho Neto

Estranhamente reservada, intimista até, a voz de Agostinho Neto. Sua poesia, referência maior em toda a poesia contemporânea de língua portuguesa, desenvolve-se a braços com o mundo e seus muitos caminhos desde os primeiros versos, escritos em Coimbra, na metrópole, nos seus anos de estudantes, de medicina e de início de militância política. É isso: atiladíssima, inquieta como toda grande poesia moderna, é a poesia de Agostinho Neto: no exílio, em Portugal, na prisão ouvimo-la monolugar, dilacerada: depois vamos vê-la arrancando, envadindo-se para a África, espregitando maravilha a silhueta dos seus irmãos, que ele reencontra ainda de braços erguidos pela dança. É ela ainda — a poesia lúcida como poucas do jovem quase ocidental recém chegado da Europa — que medita no burburinho espúrio, mercantil e "aduaneiro" nas cidades africanas, verdadeiros entrepostos de pilhagem colonialista, e à noite acompanha a marcha dos comboios que cruzam fantasmagoricamente a desolada noite africana. E no momento seguinte vai à luta, com o povo, calorosa, partícipe, mágica no meio também mágico da selva, empenhada no esforço de organização da guerra popular, no início da guerrilha angolana.

Profunda, incansável, é a intuição e o gênio poético do combatente, do dirigente revolucionário Agostinho Neto. Nem ode triunfalista sobre "colosso emancipador" de uma revolução (Neto, como era chamado em Angola, parecia cultivar esse valiosíssimo pessimismo da inteligência que Gramsci pedia aos políticos) nem elegia, antes um réquiem inconsolável pelas muitas mortes no seio do seu povo. Mas um pacto, uma série infinita de gestos de fidelidade



Brizola, antes...

política, cultural, emotiva com esse povo que falava naturalmente através dele e muitas vezes por ele (Agostinho Neto era um orador discreto e pouco frequente, jamais se dando ares de dono da festa, nem mesmo na noite emocionante em que foi proclamado, em Luanda, a República Popular de Angola).

Circulam pouco entre nós os poemas de Agostinho Neto. O que se tem é uma edição, saída em 75, por ocasião da independência angolana, dos **Poemas de Angola**. Já esgotada. Editorialmente temos débitos com esse poeta africano, irmão alívio do Jorge de Lima dos poemas da **Negra Fulô**, admirador profundo da poesia brasileira, sobre a qual discorria detidamente. Agostinho Neto, intérprete extremo dos seres mitigados pela opressão, é autor de alguns dos poemas mais patéticos sobre essa espécie de segunda natureza que a presença do opressor faz crescer dentro de nós. Como no poema dedicado a uma quitandeira africana, que teve tudo de si pilhado, e que no reduto escuro da sua **mulemba** (barraca) de frutas, se oferece ela própria ao olhar voluptuoso da mulher do colonizador português: "Compre-me a infância do espírito/este botão de rosa que não abriu/... Talvez vendendo-me eu me possua". Sua poesia, podemos sentir, tem essa **beleza radical** que têm por vezes os blues dos seus irmãos negros da Geórgia, nos Estados Unidos.

É possível dizer muito sobre o compromisso secreto entre a criação artística e a vida de um povo. No caso de Angola, do seu ex-Presidente, líder popular e poeta Agostinho Neto, importa sobretudo dizer que a poesia desse último será sempre, qualquer que seja a futura disposição das linhas políticas existentes no país, como que uma carta de princípios irrevogável, que cada habitante insondavelmente levará guardada dentro de si. Pois antes de tomar o seu destino nas mãos através da conquista do poder político, o povo, na poesia superior de Agostinho Neto, já havia "tomado a direção da barca".

(José Maria Cançado)

Filosofia em quadrinhos

O **Capital** e o **Manifesto Comunista** em quadrinhos: mais um lançamento da indústria cultural. A Filosofia de Marx, que abarcou o socialismo utópico francês, a economia clássica inglesa e o idealismo alemão, aparece agora fácil de ser consumida na forma do traço caricatural que goisifica conceitos de difícil compreensão, no élan de aliar o instruir e o divertir, poupando o árduo trabalho da leitura e da reflexão. Em uma civilização áudio-visual, o pensamento saiu da moda. Sem considerar aqui o esquematismo conservador no desenho das personagens, a apresentação moralizante do burguês odioso e forte e do operário fraco e virtuoso — ou o maior ou menor êxito no fenômeno da mais-valia, gostaria de observar que a indústria cultural força, assim, a união de domínios separados — o do pensamento abstrato e reflexivo e o prazer gratuito dos quadrinhos, com prejuízo de ambos.

A idéia de que a Filosofia pode atingir no imediato os confins das massas, de que pode ensinar e politizar apelando para o consumo fácil e toco de um Saber que se processa ao longo de séculos, vem da má-consciência social da Cultura que se constitui por sobre os vencidos. Porém, só pode servir ao vencedor a confusão de que vem carregada a estória em quadrinhos "materialista" — confusão entre o empírico e o concreto. Segundo Marilena Chauí, no caso do ensino oficial esta confusão transparece nos recursos áudio-visuais para explicar, por exemplo, a teoria dos átomos ou o sistema circulatório: "no primeiro caso o átomo é definido como uma 'bolinha que não se divide' e é ilustrado por molequinhos a brincar de roda; no segundo caso, ilustra-se o sistema circulatório pelo sistema viário, pedágio incluso, de tal modo que a coificação do corpo humano e a antropomorfização do sistema viário os torna indiscerníveis (...). Verdadeira Disneylândia que toma como ponto de partida a suposição de que os alunos são imbecis, os compêndios são oferecidos à leitura com anúncios de que 'literatura é gostoso'".

Este estilo de aprendizagem que vai desde o "estudo dirigido" as provas na forma da "cruzinha" bem como a técnica áudio-visual, só podem existir dada a "pobreza e imprecisão do conteúdo das informações". Neste contexto, cabe refletir sobre o que ocorre quando, habituados a pensar desta maneira, tem-se que enfrentar textos de Platão, Aristóteles, Kant, Hegel ou Marx. A solução é o quadrinho; ele fica encarregado de abolir ilusoriamente as barreiras sociais: todos podem ter acesso ao **Capital**. Só que: "a abolição do privilégio educacional através do mecanismo de venda de produtos culturais não abre para as massas as esferas das quais foram anteriormente excluídas, mas dadas as condições sociais existentes, contribui diretamente para a decadência da educação e o processo da inexpressividade bárbara" (Adorno). (Olgária CF Matos)

Paúra mesmo

Um sargento (Gian-Maria Volonté), com boa folha de serviços, em meio a manifestações e atentados terroristas. Sem preocupações político-ideológicas. Que fica sabendo mais do que deve: principalmente que o Estado (no caso, o italiano), ao qual serve, é o grande patrocinador — ou grande aliado — do terrorismo de direita. "Eu estou com medo" (**Io Ho Paura**) de Damiano Damiani, é um filme que provoca tensão todo o tempo. Somente por isso — e pela mais uma vez brilhante interpretação de Volonté — vale a pena ser visto. Mas tem mais: é extremamente revelador do que é capaz a máquina do Estado. Observando-se o quadro da democracia italiana, imagina-se o que foi (e ainda é) possível em termos de Estado brasileiro. (CT)

Loucura (a favor)

Na Semana da Pátria, em Porto Alegre, havia grande confusão de trânsito, no Centro, mas sem carros. Motivo: havia diferentes piquetes, de diferentes greves — dos bancários, trabalhadores(as) do vestuário, vigilantes. Nomeio, disciplinado o tráfego, os piquetes armados até os dentes dos brigadianos (PMs). Eis que em frente a um dos piquetes que cruzava a popular Praça da Alfândega enturma um cidadão de meia idade, com uma enorme Estrela de David (de metal) no peito, dando discurso num misto de **yddish** (é assim?) e português sobre o povo judeu, o bairro judeu do Bonfim, a Segunda Guerra e muito etc. Quase ao mesmo tempo cruzava as tensas fileiras dos brigadeiros embalados enorme cidadão de camiseta de física verde-amarela(sic) e calção azul e branco(sic), num frio de rachar, com uma bandeirinha do Brasil na mão, a praticar calmamente o seu **Cooperzinho**. Pra quem gosta de cinema, a cena ficava assim entre o **Oito e Meio** do Fellini e o **Mundo Cão**. A massa no piquete e nos arredores aplaudia freneticamente e incitava os dois esdrúxulos. A Brigada Militar, perplexa, sorria (coisa não vista há quinze anos). É isso aí: revolução sem bêbado e sem louco não é revolução. (FA).

CICLO DE CINEMA

Numa promoção do Setor Jovem Metropolitano do MDB de Porto Alegre, você poderá assistir:

Dia 29.09 - sessões às 14 e 16 horas - México Insurgente
Dia 30.09 - sessões às 14 e 16 horas - Mecânica Nacional
Dia 03.10 - sessões às 20 e 22 horas - Encouraçado Potenkin
Dia 04.10 - sessões às 20 e 22 horas - Encouraçado Potenkin

Os repentistas da abertura

Um confronto musicado entre a Libelu e o reforma aconteceram nas apurações do pleito do DCE da USP. A conjuntura informa: sai o vocabulário do medo, entra a era dos nomes aos bois.

Por F. Pereira

Quem acompanhou o movimento estudantil ao longo desta década deve se lembrar com certeza dos difíceis torneios semânticos que a redação de panfletos, notas oficiais ou artigos para a imprensa universitária causava entre os militantes. O medo disseminado pelo cotidiano da repressão política violenta exigia um constante pisar em ovos.

Assim, "transformação da sociedade brasileira" era o eufemismo permissivo para expressar a perigosa idéia de "revolução socialista". "Regime autoritário" substituiu cautelosamente o conceito preciso de ditadura. Os exemplos são tantos que mereceriam um dicionário de fazer inveja no mestre Aurélio.

Um sinal de que os tempos mudaram da água para o vinho pôde ser verificado na semana passada durante as apurações dos votos para renovação do Diretório Central dos Estudantes da Universidade de São Paulo, na madrugada de quarta para quinta-feira.

Lênin, Trotsky, Stalin ou Prestes - vocábulos que até algum tempo atrás só eram mencionados nos sussurros, entre olhares vigilantes para os lados - foram os personagens centrais de uma criativa guerra de cores e refrões entre as chapas concorrentes.

Trotsky X Stalin: o pau da noite

A batalha principal envolvendo cerca de 200 repentistas coletivos ocorreu em



Trotsky

tre as chapas **Liberdade e Luta**, a **Libelu**, e a vencedora **Todo Mundo no DCE**, conhecida nacionalmente como **Reforma**, ou esquerda tradicional.

Pra começo de conversa, a **Libelu** assumia suas origens ao cantar de maneira retumbante um trecho da trilha sonora de "O Exército Brancaleone nas Cruzadas": **Branca, Branca, Branca. Leon, Leon, Leon!**

Era, é claro, uma referência direta ao primeiro nome de Trotsky. A resposta vinha simultânea na turma da **Reforma**, que também assumia (pasmem!) suas origens: **Branca, Branca, Branca! Ramon, Ramon, Ramon!**

Ou seja, Ramon Mercador, acólito de Stalin que assassinou Trotsky com um golpe de picareta na cabeça, no México. O embate foi em frente com um relax da **Libelu**, que atacou com uma paródia de "Sossega leão", que dizia no final: **Levava um canivete no cinto e um picareta na mão, sorria e prá massa dizia: "Matei o Leon, Matei o Leon!"**

Quando mais uma vez o coro de Brancaleone fez eco no salão, a **Reforma** puxou: "**Bronca, bronca, bronca! Lenin, Lenin, Lenin!**". Ao que os oponentes entoaram, mostrando os quatro dedos na mão: "**É quarta, é quarta, é quarta! O resto é burocrata!**". A tendência **Reforma** imediatamente exibiu três dedos na mão: "**É três, é três, é três! O resto é burguês!**".

Outra vez a **Libelu** de "Tropicália", de Caetano Veloso: "**Viva a Quarta, ta, ta, ta! Abaixo a casta, ta, ta, ta!**"

A **Reforma** manteve-se muda durante algum tempo, sem saber se prosseguia ou não - "chega de liberalismo", era o comentário entre ouvido na sua torcida. Mas a **Libelu** insistia agora com uma exigência: "Responde! Responde!". Quem aceitou o desafio foram os participantes da **Refazenda e Caminhando**, que integram outra das chapas concorrentes (**Sacode a Poeira**): **Somente trotskista, é pior que reformista!**

Mas, a **Libelu** caiu de pau: "**Somente albanes é pior do que chinês!**" gritou o coro. E mais: "**Hodja, Hodja, Hodja! E o povo do Cambodja?**" Foi o bastante para que o alvo recolhesse novamente o rabo entre as pernas. Afinal, ninguém ali podia com a **Libelu** ...

Prestes & Gregório X Libelu

O antigamente delicado tema da emergência dos partidos clandestinos para a luz do dia também concentrou as tensões das torcidas estudantis. Começou com um desabafo da **Reforma** aos achincalhes da **Libelu**. Gregório Bezerra, notório e combativo militante comunista, cuja volta ao país depois de um prolongado exílio está prevista para breve, foi homenageado num refrão: **Gregório vai descer! A ditadura vai tremar!**

Sucessivamente, a **Libelu** desfiou vários ataques, deixando os adversários desconcertados: **Gregório vai descer! Vem aí a KGB! Vem aí a KGB para se unir com o CCC! Pode vir a GPU! Pois nós somos Libelu! Figueiredo se alegrou! Vem reforço de Moscou!**

E continuou na mesma toada: "**Abaixo a ditadura! Nem o Prestes não segura!**". A chapa que ficou em quarto lugar, **Novação**, pontificou também nesta querrela: "**Nova ação, Nova ação! É acabar com o Partido!**". Mas o máximo da sofisticação neste repentismo ideológico veio com novo tiro da **Libelu**, ao citar com um trocadilho, numa marcação ritmada, uma poesia famosa de Maiakovski: **Como ananás, mastiga perdiz, Seu dia está prestes, burguês.**

O secretário geral do Partido Comunista Brasileiro ainda receberia mais menções desairosas: "**Pra reforçar essa aliança! Não adianta o cavaleiro da esperança!**"



Stalin

CICLO DE CINEMA

Sindicato dos Bancários de São Paulo
Comissão de cinema apresenta sua programação até dezembro deste ano

Preço: 20,00 (Ingresso comum)
10,00 (bancários e Metroviários sindicalizados)

29-30/(Sábado e domingo)
«Trens estritamente vigiados», de Jivi Mehzal, 1966, às 18 e 20 hs.

05-/06/70 (Sábado e domingo)
«Um dia um gato», de Vojtech Jasný, 1963, às 18 e 20 hs.

13-14/10 (Sábado e domingo)
«Paisá», de Roberto Rossellini, 1946, às 18 hs.

20-21/10 (Sábado e domingo)
«Umberto D», de Vittorio De Sica, 1951, às 18 hs.

27-28/10 (Sábado e domingo)
«As amigas», de Michelângelo Antonioni, 1955, às 18 hs.

10-11/11 (Sábado e domingo)
«Roma cidade aberta», de Roberto Rossellini, 1945, às 18 hs.

24-25/11 (Sábado e domingo)
«Os vencidos», de Michelângelo Antonioni, 1952, às 18 hs.

01-02/12 (Sábadoi e domingo)
«Crimes da alma» de Michelângelo Antonioni, 1950, às 18 hs.

08-09/12 (Sábado e domingo)
«O fascista», de Luciano Salce, 1961, às 18 hs.

15-16/12 (Sábado e domingo)
«O Teto», de Vittorio de Sica, 1956, às 18 hs.

Local: Rua Florêncio de Abreu, 270 - Centro - São Paulo - Sede dos Metroviários.



Da crítica ao maoísmo da AP nasce o PRT

A Ação Popular (AP) «racha» em 1968 e dá origem ao PRT (Partido Revolucionário dos Trabalhadores). Altino Dantas Jr, que há poucos dias deixou o Presídio do Barro Branco (SP), fala sobre a AP e o PRT.

Por Marco-Aurélio Garcia

O processo de transformação da Ação Popular em uma organização marxista-maoísta, em 1967, vai ter duas consequências internas. A curto prazo, setores da militância que se opunham, seja às definições estratégicas que a organização adotara, seja aos métodos de "proletarização", acabarão por ser expulsos entre setembro e outubro de 1968; é a partir deste grupo que se constituirá o Partido Revolucionário dos Trabalhadores — PRT, no início de 1968. A longo prazo, a lógica da maoísta empurrará uma parte importante da militância para uma aproximação com o PC do B, que, apesar de estar atravessando naquele período uma situação de relativo isolamento, era reconhecido como "organização irmã" pelo Partido Comunista da China.

Os pontos de conflito eram múltiplos e dentro do quadro político-ideológico de 57-69 no Brasil seria normal que problemas como o caráter da sociedade brasileira, definição das alianças de classes e a natureza mesma do processo revolucionário assumissem o centro do debate. A própria crise do Partido Comunista Brasileiro, que naquele momento sofria a mais importante sangria de sua história, esfacelando-se em várias tendências, havia posto em evidência a importância das correntes socialistas na nova esquerda. Muitas delas — a dissidência do Rio Grande do Sul e o grupo que daria nascimento ao MR-8, em forma explícita, e o PCBR, de maneira mais difusa — caracterizavam a sociedade brasileira como capitalista e colocavam o socialismo na ordem do dia, sem falar na opção por uma estratégia militar que se aproximava mais do modelo cubano do que das teses da guerra popular chinesa.

A verdade, no entanto, é que esta polêmica, na qual as questões propriamente da tática pouco apareciam ou figuravam como puras deduções intelectuais de posições estratégicas, se perdia não raro em discussões sobre funcionamento interno, critérios de militância e temas ideológicos mais gerais. Afinal, não é a primeira vez na história da esquerda que as questões adjetivas assumem predominância sobre os problemas substantivos, ou, dito de outra maneira que os problemas de fundo se manifestam através de questões de método.

A história da AP e do PRT não fogem a esta regra.

As duas posições e os seis pontos

Assim, o debate interno se desenvolve em dois planos.

Por uma parte, o grupo que diverge da orientação impulsionada pela direção da AP — e que em realidade não tem características de grupo no início — se recusa a aceitar a linha da "proletarização" e com isto configura um caso prático de indisciplina. De outra parte, ele expressa no documento *Duas Posições* a crítica dos *Seis Pontos*, da AP, que formalizava a adesão desta aos pontos essenciais da análise e da estratégia maoísta: Brasil semi-feudal, revolução democrática popular, bloco de quatro classes, incluindo a burguesia nacional e no qual o campesinato era a força principal, guerra popular tendo o campo como cenário fundamental.

Outra questão, que não sendo o decisivo, passaria a ter significação na polêmica, é a da situação do movimento comunista internacional. Os divergentes que formarão PRT tendiam a privilegiar uma política de aproximação com a OLAS (Organização Latinoamericana de Solidariedade) enquanto que para a direção da AP a OLAS e Cuba não passavam de "braço esquerdo do revisionismo soviético", além de adotar uma posição tibia na questão da polêmica URSS-China. O próprio relacionamento com a revolução vietnamita divide as opiniões e a divisão aparece por vezes em forma sutil. Subitamente, a direção da AP resolve modificar a palavra de ordem que era inscrita em todos os muros por seus militantes "Vietnã Vencerá!" por "Vietnã Vencerá na Luta!". A explicação era muito simples: a direção apista denunciava o "deslize revisionista do grupo dirigente vietnamita que havia decidido sentar-se à mesa de negociações em Paris ..."

Expulsões

A crise chega a seu auge, no entanto, quando o documento *Duas Posições*, que expressa as opiniões dos divergentes, é lido durante a Reunião Nacional Ampliada, assistida por cerca de 30 dirigentes. A reação oficial é imediata e dois de seus signatários presentes são expulsos na própria reunião, ficando impedidos de assistir o resto do encontro e só não sendo retirados do "aparelho" por razões de segurança.

As medidas disciplinares começam, nas semanas seguintes à reunião, a se multiplicar. Vinícius Caldeira Brandt, então responsável pelo jornal da AP é não só sancionado como passa a ser o alvo principal da direção oficial. Os dissidentes começarão a ser tratado como GOPR (Grupo Oportunista e Provocador de Rolando). Rolando era o nome político de Vinícius. As medidas se estendem, igualmente, às regiões onde os dissidentes tinham posições mais ou menos fortes. No Regional de Brasília e Goiás, as sanções são generalizadas, a começar pela expulsão de seu responsável, o padre Alípio de Freitas. No Regional do Rio Grande do Sul, o seu responsável Altino Dantas Jr. não chega sequer a reunir-se com os demais membros. De volta da Reunião Nacional Ampliada ele encontra representantes da direção nacional já contactando a militância. Convocado para uma reunião na qual deveriam ser discutidas as divergências, um militante oficialista o recolhe num ponto em um automóvel e depois de rodar algumas quadras intima-lhe que desça. Altino relembra o incidente concluindo que foi "expulso em um Volkswagen"...

O nascimento do PRT

Consumada as expulsões, a AP tenta estabelecer um verdadeiro cordão sanitário entre os dissidentes e a organização

para freiar manobra de captação de militantes. A própria *Resposta a Duas Posições*, na qual a direção fustiga o "Grupo Oportunista e Provocador de Rolando", não chega a ser conhecido pela totalidade dos dissidentes.

Começa então um período de elaboração política e de contatos buscando dar continuidade às precárias articulações feitas antes das expulsões, sobretudo uma reunião anterior à Nacional Ampliada na qual haviam participado dissidentes desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão.

As conclusões do processo de elaboração iriam aparecer nas 100 páginas do número um (em realidade o único que foi publicado) da revista *Revolução Proletária*, em janeiro de 1969. Nela se pode ler o projeto de Programa da organização, um artigo sobre a Revolução Proletária e a Ditadura do Proletariado, o projeto de estatutos e consideração sobre as condições para o desenvolvimento e a vitória da guerra revolucionária.

Sem chamar-se PRT, este começa a existir praticamente desde esta época, princípios de 69, formalizando sua constituição em setembro, quando realiza seu Congresso, elege uma Comissão Executiva Provisória, aprova seu programa e estatutos.

Base camponesa

Não deixa de ser curioso que uma organização cuja marca fundamental era "obreiro" tenha conservado significativas bases no campo quando do rompimento com a AP. É particularmente o caso de Goiás, aonde o próprio dirigente camponês e ex-deputado José Porfírio adere ao PRT (ver box).

Mas o centro das iniciativas da pequena organização que nasce será mesmo o meio urbano; mais ainda: o PRT começa a progressivamente ser envolvido pela dinâmica militarista. As ações armadas haviam sido inicialmente definidas como simples meio de obtenção de recursos financeiros, sem que tivessem sido contempladas iniciativas de caráter mais estratégico ou atos de propaganda armada, por exemplo.

Em abril de 70, o assalto a um super-marcado em São Paulo (todas as ações do PRT se fazem nesta cidade) dá início à atividade militar da organização. Outras se sucedem e se produz uma aproximação natural entre o PRT, a VAR-Palmares e o POC (Partido Operário Comunista). Esta convergência, ainda que se visse facilitada por uma proximidade real da linha política das três organizações, teve na atividade militar sua expressão maior. Era a época da *Frente Armada*, e o PRT, como outros grupos, acabara por se integrar nela.

O cinto e a gravata

Maior de 1970. Alípio de Freitas é preso, da mesma forma que outros militantes do PRT no Rio. A repressão havia chegado até ele através de um conhecido delator e colaborador, de uma organização com a qual o PRT mantinha relações e que havia sido preso e totalmente desmoralizado na tortura. Em agosto de 1970, Vinícius cai, em São Paulo, num ponto com um dirigente de outra organização da Frente. O anel-de-ferro da repressão vai se estreitando e chega a seu final em maio de 1971. O último dirigente importante, Altino Dantas Jr. é preso em seu aparelho, delatado por um militante preso horas antes. A polícia nunca admitiu que a delegação houvesse ocorrido, mas ao chegar no DOPS, Altino pôde ver encima da mesa um cinto e uma gravata que ele havia dado de presente, pouco tempo antes, ao homem que deu seu endereço à polícia.

Sem que todos os militantes tivessem sido presos, o PRT desaparecia como organização. A vigência de suas posições se manteria, sobretudo dentro da Ação Popular, naquele momento enfrentando uma luta interna com os que propunham o ingresso no PC do B. Os que na AP viveram aqueles dias, mesmo em posição distinta da defendida pelo PRT, sublinham hoje a importância das teses expostas no *Duas Posições* e nas páginas de *Revolução Proletária*, para a virada anti-maoísta que a organização daria nos anos setenta.

Onde está José Porfírio?

José Porfírio é o protagonista de um dos episódios mais importantes da história das lutas camponesas no Brasil. Nos anos cinquenta, ele dirige a luta armada dos camponeses de Formoso, em Goiás, contra a ação da Polícia Militar que queria expulsá-los de suas terras. Particularidade do episódio: Zé Porfírio e seus companheiros são vitoriosos e podem desenvolver o que mais tarde seria conhecido como a «República de Formoso» esta interessante experiência de vida comunitária, praticamente desconhecida no país.

Em 1962, ele é eleito deputado estadual, principalmente com o apoio do campesinato. Em 1964, tem seu mandato cassado pelo Ato Institucional e começa a aproximar-se da Ação Popular, dela saindo na cisão que formou o PRT.

Preso em 1971 e libertado em 1972, ele almoça com seu advogado no dia de sua saída da prisão, em Brasília, informando-lhe que iria naquele dia para Goiânia.

Depois disto, nunca mais foi visto, tendo sido até hoje, infrutíferas as buscas de seu filho.



Altino: de Mato Grosso ao PSB, à UNE, à AP e ao PRT

No dia em que o presidente Eisenhower chegava ao Rio de Janeiro, em 1960, o jovem Altino Rodrigues Dantas Jr. se encontrava em frente ao prédio nº 132 da Praia do Flamengo, então sede da União Nacional dos Estudantes, e pôde ver, quando o carro de dirigente norte-americano passou por ali, o desfalcar de uma enorme faixa aonde se lia: *We like Fidel Castro*. Os estudantes respondiam à sua maneira à grande campanha publicitária organizada pelo governo JK para recepcionar o presidente norte-americano e que inun-

dara a então capital federal com cartazes aonde se podia ler *We like Ike*, isto é "Nós gostamos de Ike", o apelido pelo qual era conhecido o então ocupante da Casa Branca.

Esta imagem acompanhou de tal maneira Altino em sua vida que, aos poucos minutos de uma conversa que mantivemos quatro dias após sua libertação do presídio do Barro Branco, em sua casa, ele a evocaria, para lembrar igualmente, o impacto que teve sobre a sua (nossa) geração a Revolução Cubana. Um ano após, este matrossense do sul — nas-

cido em 1939 em Campo Grande — chegava a São Paulo e, pouco tempo depois, começava sua militância no pequeno e combativo Partido Socialista Brasileiro. Esta militância vai levá-lo a uma breve experiência de prisão em agosto do mesmo ano. Altino se insurgia contra a tentativa de golpe de Estado que buscava impedir a posse do vice-presidente João Goulart após a renúncia de Jânio.

Em 1964 Altino ingressa na Faculdade de Direito de Santos. E lá, como calouro, que o golpe vai apanhar este militante socialista que permanecerá fiel ao PSB até o

dia de sua extinção em 1965, com o Ato Institucional nº 2. Os tempos eram outros, no entanto. A UNE começava a reorganizar-se e Altino vai ter uma participação destacada neste processo. Em 1965 ele é eleito para a diretoria da entidade — a primeira escolhida depois de golpe. Mas esta diretoria acaba por desagregar-se e Altino, um dos poucos que fica, vai se encontrar como presidente do Congresso clandestino de 1966 em Belo Horizonte, quando passa seu cargo para o estudante José Luís Guedes.

É neste período que se dá sua aproximação com a Ação Popular, como ele nos conta em sua entrevista, aproximação não isenta de contradições, pois ele, marxista, entrava para uma organização ainda considerada cristã. Mas viver situações contraditórias não era algo novo para Altino. Com 11 anos, para escândalo de sua família udenista, ele se pronuncia partidário de Getúlio Vargas, que naquele ano disputou e venceu as eleições presidenciais. O único que foi condescendente com esta ovelha negra familiar foi seu pai, um general de Exército que sofrera a influência das idéias progressistas do Padre Lebrete e de Tristão de Athaide e a cujo enterro ele assistiria anos mais tarde algemado, cercado por policiais armados de metralhadoras e vestindo o uniforme da penitenciária aonde estava cumprindo os 93 anos de prisão aos quais fora condenado em diversos processos.

O conjunto destes processos como que reconstitui sua arqueologia política. Cada "crime" é um período de sua vida: a UNE, a Ação Popular e, finalmente o PRT (Partido Revolucionário dos Trabalhadores), dissidência da AP, aonde ele desempenhava as funções de encarregado militar. Sua prisão, a 13 de maio de 1971, marca praticamente o fim desta organização. Anteriormente o PRT já havia sofrido duros golpes repressivos.

Ao ser solto do presídio do Barro Branco suas primeiras iniciativas foram no sentido de prosseguir esta incansável luta pela anistia ampla geral e irrestrita e continuar a denúncia dos crimes cometidos pela ditadura, ele que tanto viveu em seu corpo a repressão e que pôde pessoalmente testemunhar entre outras coisas o ocorrido com Edgard de Aquino Duarte e com ex-dirigente sindical Aloísio Palhano, ambos oficialmente "desaparecidos".

Seu depoimento que publicamos nesta página e toda uma série de precisões importantes que deu sobre sua organização e sobre a esquerda em geral são significativo elemento para este trabalho de reconstituição da história recente de nossa esquerda.

Na linguagem descontraída de Altino se combinam a preocupação de bem precisar posições políticas com o detalhe pitoresco (o "folclore", como ele diz) que serve para iluminar com luz diversa fatos que o puro enquadramento analítico achata. Sua discricção não o impede de discorrer em forma franca e com desassombro crítico e auto-crítico sobre questões que muitos hoje pretendem, em nome de duvidosas razões, silenciar.

Vê-se bem que estamos diante de um homem que compreendeu, como Gramsci, que a verdade é sempre revolucionária.

A luta interna vista por dentro (Entrevista com um dos fundadores do PRT)

Quando Altino Dantas Jr. decide, em 1966, ingressar na Ação Popular, ele está convencido de que esta organização, de origem cristã (ver *EM TEMPO*, nº 82), poderá vir a converter-se ao marxismo e esta convicção pesará decisivamente na formalização de seu ingresso, em princípios de 67.

Reivindicando o marxismo, Altino enfrentará dificuldades já em seus primeiros momentos na AP, quando suas opiniões se chocam com as dos militantes de origem cristã.

"Eu comecei a militar em uma base que fazia trabalho em Osasco — nos conta ele — e já desde o início deixei claro minha oposição ao Documento-Base da organização, que se pretendia equidistante do marxismo e do idealismo. Isto foi o suficiente para que alguns militantes pedissem minha expulsão e o incidente só foi contornado pela intervenção do assistente da direção que procurou relativizar minha divergência, aludindo, entre outras coisas, à existência de "diversos marxismos".

Mas o certo é que já naquele momento a A.P. começava a operar sua transição de organização cristã para uma organização que reivindicaria não só o marxismo, como sua variante maoísta.

Já em 1967, Altino se mostrava inquieto com os rumos da transição que a organização experimentava.

"O processo de conversão foi mecanicista — diz — e isto explica porque a Ação Popular optou pelo maoísmo. Mas esta opção não se fez sem encontrar profundas dificuldades nas bases, contribuindo para uma enorme deserção de quadros." Altino estima que dos cinco mil militantes que a organização tinha no começo do processo de discussão restaram umas poucas centenas quando a transição se consumou.

"Esta forma mecanicista do processo de conversão da organização se revestia de aspectos grotescos, como por exemplo a exigência que se fazia a muitos militantes de que realizassem uma "auto-crítica de Deus", isto é, que assumissem explicitamente a ruptura com sua consciência religiosa passada."

"Muitos de nós nos opunhamos a forma pela qual as coisas estavam sendo feitas dentro da AP, mas, envolvidos excessivamente em nossas frentes de massa, não fomos suficientemente firmes em nossa oposição", afirma Altino, fazendo ele também sua autocrítica. E continua: "É por esta razão que tudo ocorreu como se fosse uma simples troca de religião. A Ação Popular deixava a religião cristã para abraçar a religião do maoísmo."

Para dar uma idéia do processo, Altino relembra um episódio ocorrido no RioGrande do Sul, em uma reunião de formação de quadros operários. Havia chegado ao Estado um representante da direção nacional, um dos seus melhores quadros e que mais tarde teria inclusive, um papel importante na luta contra os excessos do maoísmo na AP. Naquela ocasião,



Na cozinha do Presídio Político de São Paulo (Barro Branco): de pé, da esquerda para a direita, Francisco Gomes da Silva, o «Chiquinho»; Aton Fon Filho, Manoel Cirilo (libertado na semana passada) e Altino Rodrigues Dantas Jr. (entrevistado pelo EM TEMPO quatro dias após sua libertação). Agachados: Diógenes Sobrosa e Carlos Alberto.

no entanto, o dirigente manifestou sua estranheza quando soube que na aula prevista para a escola de quadros não havia nenhuma referência bibliográfica do presidente Mao e que os textos eram integralmente de Lenin. Altino explicou que os escritos de Mao entrariam na discussão das questões militares, mas as coisas não ficaram por aí. Antes que começasse a reunião de formação, o dirigente tirou de seu bolso um livro vermelho de pensamentos de Mao Tse Tung e leu alguns trechos. Altino lembra do espanto de um operário que não se conteve e disse já ter abandonado a Bíblia há muito tempo.

"A influência do maoísmo era limitada no início — prossegue — e se chocava mesmo com muitas de nossas posições, como por exemplo a análise que fazíamos da sociedade brasileira, como capitalista, e a conclusão a que chegávamos acerca do caráter socialista da revolução.

"Estas posições seriam criticadas pelos chineses e os companheiros que em 67 foram fazer cursos de formação em Pequim sofreram grandes pressões nesta direção. Somente depois de haver abandonado nossas posições sobre a sociedade brasileira e de haver aceito o caráter semi-feudal do Brasil é que puderam realmente iniciar seus cursos de formação."

"Começa então — continua — um processo de transposição mecânica das práticas em curso na China. Chegaram a criar mesmo uma espécie de "guarda vermelha" no interior da organização, o que veio a se chamar de Vanguarda Interna.

"A Vanguarda Interna (V.I.) que tinha sua base na Comissão Nacional Estudantil da Ação Popular e funcionava como uma espécie de poder paralelo dentro da estrutura partidária, com o propósito de "levar a

organização adiante", acabava por romper as normas de compartimentação, pretendendo estar presente em todos os setores supostamente não ganhos para as novas idéias que atravessavam a A.P."

Os pequenos desencontros vão se transformar em choque aberto quando a AP adota a linha da "proletarização", isto é, decide que todos os militantes devem não só ligar-se a uma atividade produtiva, como "viver exatamente como o proletariado".

Altino aí nos conta histórias extremamente reveladoras do clima reinante, a começar pela sua própria: "A mim foi exigido que fosse morar numa casa sem luz e sem água encanada. Os eletrodomésticos, quaisquer que fossem, eram a símbolo da degenerescência burguesa."

"Isto teria consequências terríveis para a organização — continua — e não raro configurava situações de uma absoluta falsidade. Houve gente que se fantasiava de caipira para melhor se integrar em zonas rurais, segundo pensavam. Até remendos falsos em roupas foram pregados, para atestar mais pobreza", nos conta ele.

Altino e os outros que dariam origem ao grupo PRT se negaram a aceitar as condições que a direção queria impor e contra-argumentavam: "em vez de proletarizar nossa organização, o que vamos fazer é levar hábitos pequenos-burgueses para os operários e camponeses."

Incidentes dos primeiros tempos da "proletarização" confirmavam as teses de grupo oposicionista. Uma militante de origem pequeno-burguesa, cuja identidade Altino não revela, foi trabalhar na linha de montagem da Philips. Pouco tempo depois ela realiza vários contatos com operários, propondo-lhes discussões fora da fábrica.

Os operários apareciam invariavelmente endomingados nos contatos e com propostas nada polidas à jovem.

"Tivemos que explicar para ela diz Altino — que os operários também trepam...."

Há ainda o caso de um jovem militante que indo trabalhar numa indústria têxtil, contava as emoções estéticas que lhe provocava a incidência dos raios solares na hora do crepúsculo sobre a poeira que infestava o ateliê."

"Ele ficou perplexo — conta Altino — quando lhe dissemos que aquela poeira era responsável por doenças pulmonares que vitimavam centenas de operários."

O ritmo tomado pelo processo de proletarização, mas sobretudo, nos diz Altino a inflexão política definitiva que a organização assume — concepção da revolução como democrático popular, dirigida por um bloco de 4 classes (operários, camponeses, pequena burguesia e burguesia nacional) tendo o campesinato como classe principal — precipita as coisas. Dezenas de militantes se reúnem, pela primeira vez, em forma paralela e decidem elaborar um documento de crítica à orientação seguida pela organização para ser discutido na Reunião Nacional Ampliada em fins de 68.

O texto que especifica estas divergências — conhecido como *Duas Posições* — não chega realmente a ser discutido na reunião. Seus autores são expulsos. Surge então o "grupo oportunista provocador do Rolando, como nós passamos a ser chamados. O Rolando era o Vinícius Caldeira Brandt, explica Altino, que havia tido um papel decisivo na elaboração de nossas políticas. Os meses que se seguiram foram consagrados à formação do PRT."

El Salvador Uma revolução à caminho

Entrevista com Humberto Gonzales, representante em Cuba das Forças Populares de Libertação Farabundo Martí, a organização partidária que dirige o famoso Bloco Popular Revolucionário de El Salvador.

Por Paulo Guerra

Em que difere a situação econômica salvadorenha do resto da América Central?

Bem, El Salvador é um país de economia capitalista dependente que tem como característica fundamental seu estado de crise permanente. Se o capitalismo mundial se encontra em crise, num país de economia dependente, ela repercute de uma maneira mais profunda.

A economia de El Salvador se baseia fundamentalmente na agro-exportação, no cultivo e na exportação do café, da cana-de-açúcar e do algodão. Por outro lado, há um desenvolvimento industrial razoável, maior do que o que existe na maioria dos países da América Central devido às características próprias do país e também aos planos imperialistas, que viram o desenvolvimento industrial como alternativa interessante aproveitando a grande densidade de população, que permite mão-de-obra barata. Mas as condições de vida são extremamente miseráveis, péssimas mesmo. Podemos assinalar que 56% da população economicamente ativa está desempregada e ganha sua vida em condições de sub-emprego, por exemplo, limpando sapatos, trabalhando no setor de serviços. Basta dizer que a maioria da população salvadorenha trabalha aproximadamente três meses ao ano, na temporada de colheita do café, do algodão e, em alguma medida, do tabaco.

A renda mensal de uma família gira em torno de 1,25 dólares e os salários são igualmente miseráveis.

Outra característica importante de El Salvador é que, dada a densidade populacional, em torno de 250 hab. por km², a crise habitacional é espantosa. A cidade é rodeada de cordões de miséria, que os companheiros do Brasil chamam de favelas. Os serviços - transporte, escolas, hospitais, - são um privilégio quase absoluto dos setores de renda mais alta.

El Salvador possui uma extensão de 21 mil km² e uma população de 5.000.000 de hab. Ao mesmo tempo, a terra é acaparada por uma oligarquia de latifundiários, que possuem mais de 52% das terras cultiváveis.

«Nossa organização surge de uma visão do Partido Comunista salvadorenho em 1971».

Qual é a origem da frente popular de libertação Farabundo Martí?

As Forças Populares de Libertação Farabundo Martí nascem em 1971. Mas a tradição de luta do povo salvadorenho é muito antiga, data da época da dominação espanhola em nosso país. Já em 1930, Farabundo Martí funda o Partido Comunista Salvadorenho, junto com outros companheiros e, em 1932, como consequência da crise mundial, a situação de miséria e desemprego em El Salvador torna-se tão aguda que as condições objetivas para uma insurreição popular, amadurecem. É quanto o PC funda suas bases entre a população. Esta insurreição, devido a inexperiência dos companheiros do partido, fundado há apenas dois anos, e devido à ofensiva militar do inimigo, forçou o povo a sair à luta com facões e machados contra canhões e armas de fogo. Ela foi, como não podia deixar de ser aplastrada a custa de mais de 30.000 mortos, num período de dois meses. Este acontecimento é de uma importância transcendental porque foi uma lição de organização para toda a esquerda salvadorenha. Em seguida vem um longo período de calma que só a Revolução Cubana vem remexer, através da influência que ela teve em todos os revolucionários latino-americanos. A questão da tomada do poder através da luta armada foi novamente colocada na ordem do dia. Isto repercute em todas as organizações revolucionárias de El Salvador, em especial no Partido Comunista e nos seus elementos avançados. Mas havia também muita resistência. Assim desenvolveu-se no seio do Partido Comunista Salvadorenho uma luta ideológica que durou aproximadamente dez anos, até o final da década de 60. Como resultado, consegue-se que o Partido Comunista reconheça como necessária a luta armada. Mas, esse reconhecimento se limita apenas ao momento da tomada do poder, à fase decisiva. Durante o resto do tempo, tratava-se de desenvolver uma acumulação de forças, a ser feita através de meios pacíficos. Os companheiros avançados, desenvolvem a luta ideológica questionando os métodos de trabalho, o isolamento das massas, a contradição que se dá entre o objetivo final declarado e a prática cotidiana. O que se dava na verdade não era a acumulação de forças mas o desenvolvimento do reformismo, do economicismo, do legalismo através da priorização da luta parlamentar.



“Como é possível que um partido comunista apoie uma ditadura militar numa guerra fratricida contra um povo irmão?”

Em 1971, surge uma divergência grave no interior do partido quando este decide apoiar a guerra fratricida de El Salvador com Honduras. Como pode ser possível que um partido comunista apoie uma tirania militar que luta contra seu povo irmão? Esta foi a gota que precipitou a cisão que deu origem a FPL. Esta nasce apenas com um núcleo de trabalhadores, dirigida por um destacado líder um operário e se parte quase do zero. O que se tem unicamente é uma estratégia da luta político-militar, uma estratégia da guerra popular prolongada em que a luta armada joga um papel fundamental e ao redor desta, os demais meios de luta. Trata-se da combinação dialética entre todas as formas de luta. Na fase inicial da organização, existia apenas o núcleo central e ao seu redor os núcleos armados. Estes tinham como função desenvolver tanto tarefas militares quanto tarefas no plano das massas. Em seguida foram criados os grupos de apoio, de função político-militar, e que eram o vínculo entre a organização e a massa.

Esses grupos de apoio eram de apoio às manifestações de massa?

Bem, as massas eram dominadas pela corrente pacifista e oportunista da qual já falamos. Estavam adormecidas, embora as condições objetivas e sub-

jetivas para a luta armada estivessem dadas. Os grupos de apoio naquele momento tinham como tarefa tanto o abastecimento logístico da guerrilha como também a de demonstrar a necessidade da luta armada através de ações político-militares. Para o futuro, sua tarefa era a de criação de uma frente de massas. Mas, naquele momento, o seu objetivo era despertar as massas, demonstrar que o caminho correto era a guerra popular prolongada. Coisa que foi conseguida. Então, a estrutura que tínhamos caducou. Hoje, a FPL é uma organização político-militar de caráter marxista-leninista, que tem como objetivo fundamental a formação do partido.

“O Bloco Popular Revolucionário é uma frente de massas, na verdade a maior organização de massas do país, que não se confunde com o partido.”

Bom, temos ao nível de Frente de Massas, temos o Bloco Popular Revolucionário, que é a maior organização de massas do país, que é a vanguarda do movimento de massas do país. O BPR, assim, não possui estrutura partidária, como muitos pensam.

Que relação existe entre a FPL e o BPR?

Bom, a relação se dá na prática. Enquanto a FPL está desenvolvendo a estratégia da guerra popular prolongada de maneira integral, o BPR

desenvolve uma estratégia de GPP como frente de massas, isto é promovendo todas as formas de auto-defesa do movimento de massas. Então, podemos dizer que a vinculação se dá na prática.

O bloco popular revolucionário, então, não seria uma frente de esquerda, mas uma frente de massas?

Bem, neste momento, o Bloco Popular Revolucionário ainda não é uma frente de massas, mas tem isto por objetivo: ser integrado por todos os setores revolucionários das massas. Por exemplo, o comitê coordenador dos 24 sindicatos, que há muito lidera greves operárias; movimentos camponeses, movimentos dos professores, movimento estudantil, a União dos Trabalhadores de subúrbio, etc. O BPR pretende agregar todos estes organismos de massa sob a base da aliança operário-camponesa.

Que classes a FPL considera integrantes da frente revolucionária?

A classe fundamental para a revolução, são os trabalhadores, os trabalhadores assalariados da cidade e do campo, e o semi-proletariado. Estas são as forças motrizes da revolução. A pequena-burguesia é bastante importante, mesmo porque setores cada vez mais numerosos dela estão se proletarizando num ritmo bastante rápido pelo desenvolvimento do capitalismo no país. Outro setor social que pode jogar um papel importante são os camponeses pobres. Eles embora possuam uma pequena quantidade de terra, são obrigados, constantemente, a vender sua força de trabalho. Enfim, diversos setores podem ser incorporados a uma ampla frente de massas.

“Nenhum setor da burguesia tem qualquer papel a cumprir na revolução em nosso País”

Mas nenhum setor da burguesia?

Não. Em El Salvador, estamos vivendo um processo de polarização de forças e de radicalização da estratégia revolucionária. A questão do socialismo é muito latente e dizemos claramente que lutamos por Governo Popular Revolucionário. Todos os setores da burguesia se colocam contra a revolução, e não acreditamos que nenhum deles possa jogar um papel no processo de libertação nacional. Mesmo os setores da burguesia de “oposição”, são fieis ao imperialismo. Neste momento, tais setores estão desenvolvendo uma nova estratégia para deter a revolução em El Salvador, a da abertura democrática.

Que outras forças de esquerda existem em El Salvador?

Há uma grande dispersão ideológica. Existe o PC Salvadorenho que se caracteriza por uma desvinculação com os interesses históricos das massas, legalismo, pelo pacifismo e pelo economicismo. Há também o Exército Revolucionário do Povo, que é uma organização político-militar marcadamente aventureira, que tem um desprezo total pelo trabalho de massas, com uma militância marcadamente pequeno-burguesa e pouco coesa ideologicamente. Outra organização, a Resistência Nacional, caracteriza-se por sua constante vacilação, e tem métodos de trabalho parecidos ao ERP. As outras, são organizações pequenas, sem grande influência nacional.

Como a FPL caracteriza a ditadura atual?

O Regime salvadorenho é uma tirania militar fascistoide. Fascistoide porque, apesar de diferenças substanciais do fascismo, emprega métodos de repressão semelhantes aqueles utilizados pelos fascistas, em todos os planos.

Por exemplo, no momento atual, ele está desenvolvendo a chamada abertura democrática cujo plano consiste na modificação de algumas leis superficiais, com o objetivo claro de aumentar seu prestígio nacional e internacional. Por exemplo, libera setenta presos políticos, como forma de obscurecer a existência de mais de 250 desaparecidos até então.

No campo econômico, existe uma estratégia contra a insurreição no campo, com a repartição de terras, visando ganhar bases sociais no campo. Por outro lado, a pseudo-abertura democrática que procurei expor, visava separar as forças revolucionárias das massas, para poder golpear-las profundamente no plano militar. Mas este esquema foi parcialmente derrotado pelos acontecimentos revolucionários desse ano.

Paraguai

Inimigo Público nº 1

Não é a primeira vez que o líder opositor Domingo Laino do Partido Liberal Radical é detido por fazer críticas ao regime paraguaio. Essas críticas, que costumam também envolver o governo brasileiro, levaram dessa vez, a ditadura de Stroessner a confinar o dirigente num povoado distante da capital.

Na última vez que foi preso há alguns meses, Domingos Laino foi liberado devido a fortes pressões internacionais. Agora a campanha por sua libertação começou no Brasil com deputados do MDB indo até Assunção na tentativa de convencer as autoridades paraguaias a voltarem atrás.

Não há provas de que o governo brasileiro tenha "instruído" o paraguaio no sentido de manter o atual confinamento do incômodo dirigente: Mas a campanha sistemática que Domingos Laino vem fazendo contra a posição diplomática brasileira de sustentar a ditadura de Stroessner certamente desperta rancores em Brasília. Ainda mais quando está em curso a invasão pacífica do Paraguai com milhares de emigrantes brasileiros mudando-se a todo o vapor para o vizinho país, numa grande prova de amizade que o Paraguai dá ao Brasil.

O governo de cá se livra das tensões sociais causadas pela desapropriação de 100 mil hectares em Itaipu. E o governo de lá pode jogar com a filosofia tradicionalmente conservadora do emigrante para amortecer os ânimos cada vez mais aguerridos da oposição paraguaia.

Além disso o Paraguai foi colocado numa posição de total dependência diante das perspectivas energéticas de Itaipu. Stroessner tem a obrigação de silenciar os opositores de tão proveitosa amizade, que afinal, são 10 bilhões de dólares que o Brasil está jogando em Itaipu.

Para os que colocaram o Paraguai na condição de província brasileira um homem como Domingos Laino é considerado inimigo perigoso. Laino, um economista de 43 anos, costuma dizer que o regime corrupto de Stroessner é sustentado pelo Brasil e pelos EUA.

"O cruzeiro já é moeda corrente no Paraguai. Os brasileiros cortam nossas árvores, exportam nossa soja e nos emprestam dinheiro pelo qual pagaremos 8 vezes mais. Cerca de 400 mil brasileiros vivem hoje no Paraguai enquanto 600 mil paraguaios moram em favelas argentinas. A política do ditador Stroessner é de entreguismo total ao Brasil com o que não pode concordar nenhum paraguaio verdadeiramente patriota" afirmou Laino. E por isso foi confinado. (Vilma Amaro)

África-Central

O imperialismo francês depõe seu imperador



Sem Bokassa I, a África Negra perde o grotesco privilégio de possuir um imperador coroado em cerimônia feita rigorosamente de acordo com o protocolo seguido por Napoleão I. Mas sua deposição muda alguma coisa? Bokassa manteve-se no "trono" exclusivamente graças ao beneplácito do imperialismo francês, isto é, o mesmo que agora "dispensou os seus serviços" após as investigações da chacina dos colegiais que recusaram-se a ajoelhar diante de "sua majestade". De fato, estava ficando muito cara e problemática a sustentação do tirano que, em troca do urânio de seu país, exigia dinheiro francês para alimentar uma polpuda conta numerada na Suíça e manter seus roubos imperiais. Principalmente quando cresce a indignação dos franceses diante dos Champs Elysées que insistem em promover a mais descarada política imperialista do momento, segurando as

pontas de Mobutu no Zaire, de rei Hassan no Marrocos e intervindo maciçamente no Tchad.

Pois foi numa operação totalmente orquestrada pela França que David Dacko ex-embaixador do imperador junto aos franceses substituiu Bokassa.

A principal diferença entre ambos será, além do retorno do império à república, a rigorosa discricão no zelo pela prosperidade francesa na África Central. (Roberto Grum)

Inglaterra

Os calos da Sra. Tachter começam a doer

Para quem não se recorda, foi com a vitoriosa greve dos mineiros que o gabinete conservador de Heath soçobrou, forçando a convocação de eleições antecipadas que resultaram na volta dos trabalhistas ao governo, no começo dessa década. O mesmo pode vir a ocorrer com a conservadora Margaret Thatcher se a atual onda grevista que abarca mais de 2 milhões de operários da Mecânica se estender para outros setores.

Essa hipótese não é nada descartável num momento em que, justificando-se pela necessidade de recuperar a competitividade da indústria britânica nos mercados mundiais, o patronato inglês decide recrudescer uma política de racionalização que resultará em cem mil desempregados só na indústria mecânica. No país clássico do trade-unionismo essa é uma política que sempre que aplicada leva a respostas vigorosas do movimento operário, forçando as direções dos sindicatos a conduzir greves de protesto de longa duração, bem sustentadas por polpudos fundos de greve e bem defendidas por experientes piqueteiros. Mas, politicamente, a grande novidade poderá ser a consolidação da ala esquerda do trabalhismo inglês como direção do partido forçada pelas bases caçadas das vacilações de Callaghan.

(L. Lopes)



Em Tempo, a história da esquerda e o PC do B

Em carta enviada a EM TEMPO, o leitor carioca Antônio Osório dos Santos protesta contra a forma pela qual nosso jornal se refere ao Partido Comunista do Brasil em duas matérias publicadas no número 77, uma sob o título "PC do B avalia o PT" e a outra o primeiro capítulo da Contribuição à História da Esquerda Brasileira.

Para Antônio Osório, "estes artigos, creio que por desinformação da história do movimento operário no Brasil, apresentam de maneira implícita, o PC do B como dissidência do movimento comunista no Brasil". Para nosso leitor, EM TEMPO repete "a lenda que as classes dominantes tentam nos impingir como sendo 'história'. A verdade, para Antonio Osório, é que "no V Congresso da PC do B, fundado em 1922 é um grupo de elementos burgueses, prestistas, que tentam tomar de assalto o partido da classe operária, mudando seu nome para Partido Comunista Brasileiro, optando pela balela da 'transição pacífica ao socialismo'".

Nosso leitor nos explica que o secretário-geral do PC do B, João Amazonas "não reivindica" para o partido da condição o herdeiro da tradição comunista. A própria tradição comunicada no Brasil é que é a tradição do PC do B, desde 22." Antonio insiste que em 1962 "Grabois, Pomar, Amazonas e outros mantêm a tradição... marxista-leninista no Brasil, reorganizando o PC do B, contra a investida da burguesia". E em seguida sobre o trabalho desenvolvido por

Maurício Grabois, Pedro Pomar, Arrovo, Danieli e Guilhardini e Lincoln Oeste, alguns dos militantes do PC do B assassinados pela ditadura nestes últimos quinze anos, para perguntar: "Todos esses comunistas 'reivindicam', senhores editores?"

Fazendo referência aos erros que o PC do B cometeu e "quando os constatou, não deixou de reconhecê-los publicamente." Antonio nos diz que o "Partido" nunca renegou os princípios científicos da ciência do proletariado", não vacilando em denunciar a URSS "quando compreendeu que o glorioso partido de Lenin e Stálin tinha sido tomado de assalto pela burguesia... e o mesmo ocorreu quando o Partido percebeu que a China havia enveredado pelo mesmo caminho".

Antonio Osório nos esclarece em Post-scriptum que a carta é de responsabilidade sua e que "seus termos não foram sequer discutidos com (os) militantes" do PC do B.

Em primeiro lugar perdoe-nos por não ter publicado na íntegra sua carta. O espaço anda curto, mas esperamos não ter desfigurado em nada seu conteúdo essencial. Vamos aos problemas que tu suscitais:

Nunca será demasiado lembrar que a linha editorial do EM TEMPO tem diferenças políticas com a linha política do PC do B, o que é facilmente perceptível na leitura de nossas páginas não parecendo necessário aumentá-las com picuinhas históricas.

Não concordamos, porém, que as classes dominantes sejam as responsá-

sáveis pela "versão histórica" segundo a qual o PC do B é uma dissidência do PCB. Para falar a verdade, temos a impressão que as classes dominantes não estão muito motivadas por esta polémica. Se teus conhecimentos de história do movimento operário brasileiro fossem maiores, no entanto, tu terias invocado que Grabois, Amazonas, Pomar, e outros, ainda que com posições críticas às Teses para Discussão, participaram do V Congresso e muitos deles foram eleitos para postos de direção no Partidão, com o que legitimam o debate. Quando eles decidem formar (ou, como tu queres, "reorganizar") o PC do B estavam minoria no Partidão e por isto rompem. E aqui não discutimos se sua posição era correta ou não. "Reivindicar" ou "ser" a tradição ela mesma de nada vale (salve para os místicos da tradição) se esta não foi analisada criticamente, coisa que nem o PCB e nem o PC do B o fizeram, não sendo difícil imaginar porque.

Da mesma forma tu não necessitas invocar o assassinato de tantos valerosos militantes do PC do B — cuja memória, nós e todo o povo brasileiro respeitamos profundamente — para justificar a correção da linha do Partido. O PCB, que tu consideras, equivocadamente, assaltado pela burguesia, perdeu, como todas as demais organizações de esquerda no Brasil, vários de seus dirigentes em circunstâncias análogas e isto não garante a justiça de sua posição. Ademais, se o Partidão fosse um partido burguês, como tu dizes, estes assassinatos se reduziriam a um aspecto da pugna inter-burguesa no Brasil.

Um último aspecto da tua carta: nossa concepção do socialismo nos impede de aceitar a continuidade de que tu estabelece entre o "Partido de Lenin" e o "Partido de Stálin". O partido do primeiro foi liquidado pelo partido do segundo nos sucessivos processos de Moscou e no Goulag.

Foi aí que o governo dos soviets foi tomado de assalto, não pela burguesia, mas por uma camarilha burocrática que, para garantir seus privilégios, afogou no sangue a primeira revolução proletária vitoriosa da humanidade, eliminando seus melhores filhos. Saudações e volte sempre. (M.A.G.)

EXILADOS E EX-PRESOS

Está formada a Comissão de Recepção aos Exilados, que se dedica a ajudar a integração dos retornados e dos recém libertados das prisões. Uma das tarefas da Comissão é procurar emprego para o pessoal. todo mundo que quiser ajudar está convidado a comparecer (ou telefonar) à rua Alvaro Alvim, 48 — conj. 311 — fone: 224-0735 — Rio de Janeiro

ESCRITOR!

A EDITORA HISTÓRIA

imprime, lança e distribui o seu livro. Use nossa assessoria editorial. Luiz Carlos Av. Prudente de Morais, 15 ap. 201 Belo Horizonte, MG Telefones: 335-1051 (2ª e 6ª feira, de 9 às 12 h) 337-1376 (3ª, 4ª e 5ª feira, de 8 às 12h)

ESQUERDA ARMADA



Saiu o livro

«Esquerda Armada A luta Continua»

A venda nas melhores livrarias das grandes capitais, por Cr\$ 110,00. Em São Paulo, ele poderá ser encontrado nas livrarias Zapata, Parthenon, Kairós, do Cortez, Livramento de Ciências Humanas, e também nas feiras do livro dos departamentos de História, Química e Ciências Sociais da USP.

Leia e assinie

COMPANHEIRO

Uma imprensa que luta contra a ditadura e a exploração

Semestral Cr\$ 120,00

Anual Cr\$ 240,00

Anual para o exterior \$ 70

Cheque nominal para Editora Avante Ltda. Rua Itapeva, 28 — Bela Vista. CEP 01332 — São Paulo

Nome: _____

Endereço: _____ Cep: _____ Estado _____

Bairro: _____ Profissão: _____ Cidade: _____

EM TEMPO

Rua Mathews Grou, 57 - Pinheiros - São Paulo - CEP 05415 - Telefones: 280-4759/853-6680

CONSELHOS EDITORIAL E ADMINISTRATIVO:

Eder Sader (presidente) Aluisio Marques, Antonio Helder, Antonio Jorge, Carlos Tiburcio, Flávio Aguiar, Flávio Andrade F. Pereira, João Batista dos Mares Guia, João Luiz Nadai, Marcelo Beraba, Marco Aurélio Garcia, Paulo Cavalcanti, Raul Pont, Robinson Ayres, Sérgio Alli, Tom Duarte. (Suplentes: Luci Ayalla, Marisa Araújo, Roberto Rodrigues, Sandra Starling, Valmir Menezes).

DIRETORIA:

Flávio Andrade (presidente), Carlos Tiburcio, José Luiz Nadai, Marco Aurélio Garcia, Robinson Ayres.

EDITOR-CHEFE:

Carlos Tiburcio.

SECRETÁRIO DE REDAÇÃO:

Robinson Ayres.

DIRETOR RESPONSÁVEL:

Robinson Ayres.

REDAÇÃO:

F. Pereira, Antonina, Silveira, Flávio Andrade, Sérgio Alli, Elvira Oliveira, Maria Cândida, Relton Fracalossi, Eder Sader, Marco Aurélio Garcia, Tom Duarte, Guido Mantega, Vilma Amaro, João Machado, Olegária maiois, Elisabeth Lobo, Roberto Grum, Virginia Pinheiro, Eliezer Rizzo de Oliveira, José Veiga, Flávio Aguiar.

ARTE, DIAGRAMAÇÃO E SECRETARIA GRÁFICA:

Paulo Roberto M. Borges, Sérgio Papi; Ilustração: Sian, Martinez,

Cadinho, Cláudio Natal, Belo Maringoni, Nilson e G.M.D.; Fotos: Jesus Carlos, Ennio Brauns Filho; SUCURSAIS: Belo Horizonte: (R. Bernardo Guimarães, 1884 — Tel:335-7773) Alberto Duarte, Ernesto Passos, Fernando Miranda, Léo Santos, Maurício Godinho, Paula Régis, Paulo Vilara, Ricardo Rabelo, Sérgio Aspahan, Juarez Guimarães, Sandra Starling, João Batista, Marisa Araújo, Amarildo. Porto Alegre: (Av. Osvaldo Aranha, 1407 — Loja 20) Ana Barros Pinto, Carlos Avelino, Gerson Scher, Sosa, Adão Capa, Claudio Almeida, Flávio Siqueira, João Rodrigues Soares, Luiz Alberto Rodrigues, Lucy Ayala, Raul Pont. Rio de Janeiro: (Praia de Botafogo, 316,

Sala 200) Beatriz Lerner, Paulo Cavalcanti, Ribertho Rodrigues, Marcos Gomes, Valmir Menezes, Joaquim Soriano, Eliane, José Coutinho, Lavina, Marcelo Beraba. Salvador: (Av. Joana Angélica, nº 8 — 1º andar — Sala 14) Adelfo Oliveira, João Henrique, Antonio Jorge, Antonio Dias, Antonio Helder, Emiliano Jose, Dalton Godinho, Lina Maria. EM TEMPO é uma publicação da Editora Aparte S/A — Rua Bernardo Guimarães, 1884 — Lourdes, Belo Horizonte — Telefone: 35-7773. Distribuidora: Superbancas Ltda. R. Ubaldino do Amaral, 42 — RJ. Composição e Impressão: Empresa Jornalística AFA Ltda — Av. Liberdade, 704 — São Paulo — SP — Fone: 278-9010.

Massacre brasileiro

Na maior ilha brasileira, menores são torturados, humilhados e assassinados.

Reportagem de Carlos Alberto Luppi

Quando a gente entra no sala, um olhar de uma guerra. "Matar ou morrer". É assim Mirran... — que tem milhares de menores em condições de violência existentes em São Paulo — com esta expressão, constantemente, para destacar a verdade sobre a situação de violência entre crianças e famílias sociais, de uma falta, a de polícia, policiais e funcionários de segurança estatal comprometidos de maneira total.

É uma vez mais um trabalho que a violência pública brasileira tem sido tomada por uma violência pública constante baseada no nível de violência, física e psicológica, por parte das famílias, dos educadores, naturais (pais) e funcionários da FEBEM) espancamentos, torturas e assassinatos friamente. E ninguém é responsabilizado por isso.

Tiros e Hornos

Trata-se de uma guerra civil. No dia três de março deste ano, no quilômetro 84 de uma das principais rodovias de São Paulo (a Rodovia de Vares), dois menores — um de 14, outro de 15 anos, foram encontrados jogados de braços num mangal à beira da estrada. Um apresentava sete tiros, o outro, cinco. O fato foi comunicado à polícia que foi muito levado em consideração. Uma mês depois, os cadáveres sepultados sem nome, foram identificadas. Os garotos assassinados — Gilson Jones Mategall e Carlos Eduardo Pereira — haviam passado por unidades da Fundação Bem-Estar do Menor várias vezes em meses anteriores.

Na noite anterior aos tiros, Carlos Eduardo e Gilson haviam sido presos por uma unidade da polícia militar do Estado, número 207. Foram torturados e no dia seguinte surgiram manchas com todos os requintes físicos de "Esquadra da Morte".

Foram no Instituto Médico Legal de Sorocaba os menores ao examinar os corpos constataram que ambos apresentavam seus caracteres sexuais secundários com desenvolvimento completamente anormal. Apresentavam fortes sintomas de "ginecomastia", isto é, tinham suas mamas excessivamente aumentadas demonstrando terem sofrido a aplicação regular de hormônios femininos.

Torturas e Espancamentos

Tida com entidade acima de qualquer suspeita, a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, em São Paulo, responde na realidade uma autêntica "tropa de espancadores e torturadores" de menores, que sempre agiu em nome da lei. Na FEBEM e em dezenas das 50 unidades assistenciais para menores, existentes em todo o Estado, aplicam-se os mais variados tipos de violências físicas e morais. Um verdadeiro "arsenal de horror" onde se incluem torturas como o "pai de arara", choques elétricos, chicotadas, afogamentos parciais, estupros, violências sexuais, uso

de drogas e todos os tipos de humilhações.

Além disso, constantemente se apresentam situações mais graves que aquelas em que os menores são submetidos a violências físicas de natureza sexual. Uma ex-funcionária da FEBEM-SP conta a seguinte história: "Minha filha, ginecomástica e de idade já grande, para evitar de sofrer violência por intermédio de pessoas que lá trabalhavam, foi obrigada a passar a madrugada ali sozinha".

O quadro é ainda pior. Recentemente, um diretor de uma das unidades da Fundação, Manoel Manoel Netto, falando de que sempre chamou de "unidades especiais" para lidar com menores de uma unidade no bairro de Vila Madalena, localizada entre os bairros de São Paulo, contou histórias de violência física. Muitas das histórias são aquelas que ocorrem em plena vista da unidade. Algumas histórias são aquelas contadas por menores. Outras histórias foram contadas por funcionários da unidade de encaminhamento. Muitos foram testemunhas a violência e muitos a partir das histórias contadas pelo pessoal da unidade. Muitas histórias foram contadas por menores da unidade. Algumas histórias são aquelas contadas por menores. Outras histórias foram contadas por funcionários da unidade de encaminhamento.

Este quadro não causa surpresa alguma, visto de que momentos estão sendo submetidos a aplicação de hormônios femininos, e isso a FEBEM tenha aplicado — os casos de Carlos Eduardo e Gilson Mategall, que eles tomavam hormônios femininos foram para a Fundação.

Murcídios

Ao lado das torturas causa surpresa o elevado número de tentativas de suicídios da parte de centenas de menores dentro das unidades oficiais. Em 1978, 50 menores tentaram o suicídio das mais variadas formas dentro da FEBEM. Os exemplos são os seguintes: em outubro de 1977, nada menos que oito meninas de uma unidade assistencial da cidade de Diadema, tentaram o suicídio coletivamente após sofrerem violência repressiva, ingerindo maciçamente doses de gardenal. No início de fevereiro, vários menores tentaram o suicídio em unidades instaladas no bairro de Tatuapé, na capital. Da mesma forma, o número de garotos mortos, em circunstâncias não explicadas, dentro das unidades oficiais cresce.

Mas não é só isso. Dezenas de menores que conseguiram escapar das unidades estão sendo executados a tiros em ocorrências cada vez mais frequentes. Nos últimos quatro anos, por exemplo, mais de cem menores

infratores foram simplesmente executados a tiros em São Paulo.

Esquadra da Morte

Está existindo em São Paulo um "Esquadra da Morte" encarregado da eliminação física de garotos delinqüentes. Oficialmente não se admite a existência de tais investigações sérias sobre os atos feitos. Mas como justificam tantos assassinatos? Como explicam os assassinatos dos meninos Carlos Eduardo e Carlos Eduardo, a 3 de março deste ano? O que dizem dos assassinatos dos garotos Jorge Imatino (17 anos), Sidney (11), Misael (10) assassinados num mangal da Grande São Paulo — Mangal — e como ocorreu a violência de capital público — em Mogimogim — das unidades da FEBEM em São Paulo? A polícia está envolvida em todos estes casos.

Os exemplos são inúmeros: O menor Celso Roberto, 18 anos, teve seus dois filhos e sobrinho estourados por policiais da FEBEM. O número 1000, em 15 de março de 78. Celso Roberto da Silva, de 18 anos, foi assassinado em 17 de março de 79, pelo policial Washington Martins, em Saginópolis. Oul Satoja, 16 anos, em São Paulo, foi morto pelo 26º Distrito Policial. Apameu morto, jogado num mangal no dia seguinte. Edilson Roberto, morto a 4 de fevereiro de 78 na Unidade da FEBEM na cidade de São Paulo Preto, com o crânio estourado. Sua morte foi escondida dentro de 18 dias. Foi sepultado sem qualquer registro. O que dizer ainda das violências cometidas contra os garotos Carlos da Silva, 16 anos, e Osvaldo de Souza, 15 anos, cujos tímpanos foram estourados dentro de unidades da Fundação e cujo destino é ignorado.

Guerra Urbana

Casos, assim acontecem com impressionante frequência, sem providências nem inquéritos dignos, no mais rico Estado brasileiro, de 21 milhões de habitantes, dos quais oito milhões marginalizados e carentes de recursos básicos.

Somente a cidade de São Paulo (10 milhões de habitantes) possui hoje um contingente de pessoas marginalizadas incluindo os 4 milhões de pessoas dos milhões são menores de 18 anos, carenciados e subnutridos. Dentre dois milhões, 400 mil situam-se na condição de miséria absoluta, dentre os quais 18 mil menores têm os problemas de conduta (no resto do país, os menores nesta condição somam hoje 118 mil).

Nos últimos 10 anos estes meninos praticaram, para simplesmente sobreviver, 25 mil ações consideradas criminosas e envolveram-se em atos de duas mil vezes violentas. Este contingente de crianças defende-se como pode de uma sociedade que nada faz para minorar seus problemas e de organismos oficiais que adotam a repressão como "terapia básica".

Dezenas de fugas ocorreram nas unidades da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor de São Paulo este ano (mais de 40). Cerca de 70% (3 mil e 500 menores) já participaram de fugas diversas.

Nem mesmo a substituição de três presidentes da FEBEM num espaço de cinco meses, nem mesmo a elevação (para um bilhão de cruzeiros) da verba atual da Fundação, nem a demissão de mais de 130 pessoas dos quadros da Fundação, boa parte dos quais envolvidas em denúncias de espancamento contra menores, conseguiu melhorar a situação.

Na realidade, a FEBEM apresenta problemas de estrutura não questionados ainda e que a prejudicam sensivelmente. Grande parte dos funcionários da FEBEM é despreparada para o cargo. Há muitos ex-policiais ocupando cargos na Fundação, alguns ligados diretamente com os menores e cuja atuação tem como norma desprezo e desrespeito aos direitos dos menores. Com a sucessão de denúncias feitas sobre os maus tratos e torturas contra menores, pela "Folha" e pelo "EMP" alguns casos melhoraram. Mas há unidades ainda em que a violência é regra e o despreparo é total, como a de Mogi Mirim (onde ainda se encontram espiões como os funcionários Humberto Vitor, Carlos Ataíde, José Luiz Bebeiro, César e o próprio diretor Antônio Augusto).

Há atualmente na FEBEM quatro mil funcionários contratados, ultimamente, em bases inteiramente políticas (a mulher do diretor técnico da FEBEM, Maria Ferreira, foi contratada para trabalhar na sede em São Paulo, mas mora em Guaratinguetá e apenas recebe seus vencimentos, o atual diretor administrativo José Luiz Lo Turco é filho do Sub-Chefe da Casa Civil do Governador, Salvador Lo Turco e assim por diante). Estes funcionários estão consumindo aproximadamente 65% das verbas totais da Fundação. No gabinete do Secretário da Promoção Social, Salim Habib, trabalham 10 pessoas em nome da "estatística" incluindo entre 20 e 30 mil anônimos cada uma. Muitos nem sequer aparecem na Secretaria.

O movimento de defesa do Menor

Estas distorções somadas aos espancamentos, torturas contra menores e aos índices nulos de reabilitação fazem com que a FEBEM seja alvo do submetida a uma comissão especial de Inquérito em nome da Assembleia de São Paulo, onde a entidade está sendo acusada de não proteger o menor e de estimular a violência.

É contra isto aliás que foi iniciado em São Paulo nos últimos dias o movimento de Defesa do Menor, uma entidade apolítica, formada por mais de 100 participantes (entre os quais jornalistas, advogados e quadros liberais) que tem como um dos seus principais objetivos fiscalizar e denunciar, bem como acolher denúncias de atos e arbitrariedades que se cometem em São Paulo contra os direitos dos menores. A entidade está se reunindo na rua da Consolação, 374, primeiro andar e os interessados poderão ter maiores informações pelo fone 240-9486.